



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
MESTRADO EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E TERRITÓRIOS  
TRADICIONAIS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**TRAJETÓRIA DOS KURÂ-BAKAIRI DE SANTANA: EM BUSCA DE  
*KOENDÂ KIDAWÂLI***

EDSON DE OLIVEIRA SANTOS

Brasília-DF

2020

# **A TRAJETÓRIA DOS KURÂ-BAKAIRI DE SANTANA: EM BUSCA DE KOENDÂ KIDAWÂLI**

**EDSON DE OLIVEIRA SANTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT na Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Sustentável.

Orientador: Thomas Ludewigs

Brasília  
2020

Santos, Edson Oliveira.

A Trajetória dos Kurâ-Bakairi de Santana: em busca de *Koendâ kidawâli*. Brasília-DF, 60 f.

Dissertação de Mestrado – Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS. Universidade de Brasília - UnB.

Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT.

Orientador: Thomas Ludewigs.

- |                           |                           |
|---------------------------|---------------------------|
| 1. Agricultura Bakairi    | 2. Conhecimento local     |
| 3. Transformações Bakairi | 4. <i>Koendâ kidawâli</i> |

**É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O(a) autor(a) reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do(a) autor(a).**

---

Edson de Oliveira Santos

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
MESTRADO EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A POVOS E TERRITÓRIOS  
TRADICIONAIS

**A TRAJETÓRIA DOS KURÂ-BAKAI RI DE SANTANA: EM BUSCA DE  
*KOENDÂ KIDAWÂLI***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto ao Povos e Territórios Tradicionais na Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Sustentável.

Dissertação aprovada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Presidente: Prof. Dr. Thomas Ludewigs, UnB

---

Membro Interno: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Teresa Reis da Silva, UnB

---

Membro Interno: Prof. Dr. Alessandro Roberto de Oliveira, UnB

---

Membro Suplente: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiane de Assis Portela, UnB

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Thomas Ludewigs pela orientação: obrigado por me aceitar e pela confiança neste trabalho.

À professora Dra. Mônica Nogueira, por acreditar em mim na conclusão este curso. Muito obrigado.

Aos colegas do MESPT, pela amizade e apoio durante todo deste trabalho.

Ao meu pai e minha mãe *in memoria*, a eles ofereço essa conquista.

Ao meu filho, Mathias Âkiwa Santos, pelo grande incentivo em continuar o estudo. Obrigado por acreditarem na minha pessoa. Vocês são os melhores presentes de Deus.

A comunidade Bakairi da aldeia Nova Canãa pelo grande incentivo e apoio durante o curso.

À minha esposa Teresinha Felício de Carvalho Santos, pela perseverança nas horas mais difíceis da vida, e pela grande força em incentivo para continuar o meu estudo. Obrigado por acreditar na minha pessoa.

Aos amigos indígenas e não-indígenas, estudantes do mestrado que colaboraram comigo, em especial Dadberto Pereira Azevedo, Ruben de Almeida, André Dalagnol, Rosilda Alves Coutinho, Danieli. Muito obrigado.

Aos dirigentes da Universidade de Brasília (UnB), em especial aos dirigentes e docentes do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) por terem me acolhido e possibilitado de concluir o curso.

Em especial aos professores do MESPT pelo grande apoio que me deram juntando recurso para as passagens durante o curso. Muito obrigado.

# **TRAJETÓRIA DOS KURÂ-BAKAIRI DE SANTANA: EM BUSCA DE *KOENDÂ KIDAWÂLI***

## *Resumo*

A agricultura tradicional Bakairi na TI Santana passou por intensas transformações, desde a implementação de lavouras mecanizadas a três décadas atrás. O objetivo desta dissertação é resgatar parte dos conhecimentos locais relacionados a esta agricultura, descrever e analisar a trajetória da relação dos Bakairi da TI Santana com o seu território, e discutir possíveis cenários futuros relacionados à paisagem, à produção de alimentos, e aos modos de vida. Foram realizadas saídas de campo para documentação de práticas agrícolas, e diversas entrevistas informais, reuniões e vivências, que qualificam as profundas transformações, não apenas na relação com a terra e com o território, mas em todo o sistema de valores. Além da documentação das práticas tradicionais de fazer agricultura, busquei resgatar parte das memórias da trajetória dos Bakairi Santana e de sua relação com o território, e com seus modos de vida. Realizei, junto à comunidade, um exercício de percepção sobre possíveis cenários para os próximos 20 anos, que mostrou certa diversidade em quanto aos caminhos para se alcançar bem estar material e espiritual, ingredientes para o conceito de *Koendâ kidawâli* usado como referencial. Adicionalmente, realizei uma análise das vantagens e desvantagens da adoção do modelo da agricultura mecanizada. Este exercício indicou que, ainda que tal modelo possa vir a trazer bem-estar material e melhoria na segurança alimentar, o preço e os riscos são elevados, devendo ser reavaliados quanto à adoção de modelos que combinem maior praticidade e produtividade, com as vantagens inquestionáveis dos sistemas agrobiodiversos, sustentáveis, que estão no cerne do saber-fazer das roças Bakairi tradicionais.

*Palavras-chave:* **Agricultura Bakairi, Conhecimento local, Transformações Bakairi, *Koendâ kidawâli***

## *Abstract*

Traditional Bakairi agriculture at TI Santana has undergone intense transformations, since the implementation of a technology intensive model three decades ago. The objective of this dissertation is to rescue part of the local knowledge related to the ancient agriculture model, describe and analyze the trajectory of the relationship between the Bakairi of TI Santana and their territory, and discuss possible future scenarios related to the landscape, food production, and livelihoods. Field trips were made to document agricultural practices, and several informal interviews, meetings and experiences were undertaken. Qualitative analysis show the profound changes, not only in the relationship with the land and the territory, but in the entire value system. In addition to the documentation of traditional farming practices, I sought to rescue part of the memories of the Bakairi Santana's trajectory and the relationship between agricultural practices with changes in livelihoods. I carried out, with the community, an exercise of perception on possible scenarios for the next 20 years, which showed a certain diversity in terms of ways to achieve material and spiritual well-being, ingredients for the Bakairi concept of *Koendâ kidawâli* used as a reference. Additionally, I carried out an analysis of the advantages and disadvantages of adopting the mechanized agricultural model. This exercise indicated that, although such a model may bring material well-being and improved food security, the price and risks are high, and should be reassessed in terms of the adoption of models that combine greater practicality and productivity, with unquestionable advantages of agrobiodiverse, sustainable systems, which are at the heart of the know-how of traditional Bakairi agriculture.

*Keywords:* **Bakairi Agriculture, Local knowledge, Bakairi transformations, *Koendâ kidawâli***

## UNÂ TÂN IEDILI

Kurâ domodo Santana anano modo ieri âtugugue'obâri, paha âtugugueli, kopalegâembaba, paha iwelo modo âtugudili mâakâwân, iwerâpa nelâ lâ mâani awârâ modo âtugugue awâli.

Xirâ kâinwenili wao iwelo modo nhenanâgue'oen, tânomerien nhetomoen warâ, paha wâgâ xirâ kâinwenili kiankâ, kâwanu wâgâ xirâ agueli, karaiwâ domodo agâ mâkinane agaition modo xunâri, nadi modo etâdili wâgâ, tadakobâdo modo idâlâ mâkinane âsenomedâdilimo tânomegueim mâkinane kurâ domodo. Tiendilimo umelâ mâkinane âsenomedâdilimo, nhekudilimo ara nelâ mâkinane âdido imeon tientibâmo anhedidlimo.

Iwerâ âtugugueribâen iwerâ âdido imeon, sagu'obâri arapa, âdido iwelo modo âepanâgueribâen. Arawâligue xirâ kâinwenili wao, xirâ eni modo nhutuoen, sakae ma âdido modo, kâiweniribâ ma ie nâsenanâba-ro. Âdiempa kulâ xirâ augueli nadi entâdili wâgâ, paha wâgâ warâ, kipâniri etâdo ma âtugugueim, kopalegâembaba, awârâ nelâba rolâ âtugugueim, ka'oru, kuenwenri, kânomeri warâ. Kurâdo modo xunâribâri lâ xirâ kâinwenili, kaindatibâ modo lâ warâ, nadi etâdili wâgâ ma xirâ unâ, ka'oru nelâ ba ma, iwerâ pâni, nadi modo, âtugugueribâen warâ, kambonano modo arapa idu odaâ etâdibâ warâ, âikârâlâmo unâ egatuli ume lâ xirâ kaindadili kiankâ, kadakobâdodâ warâ. Iwerâ kâendili kânomeri ara lâ kâwanu kâtidâ lâ, karaiwa ewânuen kulâ ma kinae. Kurâen lâ kâwanuen itoen lâ rolâ ewanumoen kidawâli, enomegumo sawâtoen lâ. Âwanu modo wâgâ agueim iweniribâ modo lâ kiankâ kâenekili, kânomeri ara pa rola aguelimo nhagon modo xunâribâri modo wâgâ kulâ ague'omo. Aituo kiankâ ienomeri wagâ lâ auguely, tako ienomedâdobâri ara lâ âkea lâ mâkinane aguelimo. Unari ume augue'o kiankâ âdurâ kurâdo enanaim iwerâ pa ituo kanari wâgâ âdurâ ka i'e, awârâ idâli ugueli wao, idânârâ xirâ enipâri modo augueli wagâ iwenimbâri modo warâ, xira ma unâ wagâ kâiweniribâ.

**UNÂ ENAHUGUEIM : KIENTÂGUILI MODO, KURÂDOMODO ENOMERY, KURÂDOMODO ÂTUGUGUE, KOENDÂ KIDAWÂLI**



| <b>SUMÁRIO</b>  | <b>pg</b> |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</b>  | <b>1</b>  |
| 1.1 Motivação e antecedentes  | 1         |
| 1.2 Problema de estudo  | 2         |
| 1.3 Área de estudo  | 3         |
| 1.4 Objetivos   | 6         |
| 1.5 Relevância deste trabalho   | 7         |
| <b>CAPÍTULO 2 - BREVE HISTÓRICO DO POVO BAKAIRI E SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO</b>  | <b>8</b>  |
| 2.1 Contato   | 8         |
| 2.2 Origens e migração Bakairi  | 9         |
| 2.3 O Polonoroeste, a FUNAI e as roças tradicionais   | 13        |
| <b>CAPÍTULO 3 – A AGRICULTURA DOS BAKAIRI DE SANTANA, E SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO E COM OS MODOS DE VIDA</b>                   | <b>17</b> |
| 3.1 A agricultura tradicional Bakairi   | 19        |
| 3.2 Modos de vida Bakairi   | 26        |
| <b>CAPÍTULO 4 - PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE DA TI SANTANA: POSSÍVEIS CENÁRIOS FUTUROS DE USO DE SEU TERRITÓRIO E GERAÇÃO DE RENDA</b> | <b>37</b> |
| 4.1 Reunião de moradores da TI Santana sobre agricultura  | 37        |
| 4.2 Percepções: possíveis Futuros   | 40        |
| 4.3 Vantagens e desvantagens da agricultura mecanizada  | 48        |
| 4.4 O passado e o futuro  | 51        |
| <b>CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES</b>  | <b>56</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b>   | <b>60</b> |

## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Calendário agrícola e social da comunidade Bakairi da TI Santana | 28 |
|---|----|

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1: Como vê a TI Santana em 20 anos ?          | 41 |
| Gráfico 2 – Como será a paisagem ?                    | 42 |
| Gráfico 3 – Como será a vegetação?                    | 42 |
| Gráfico 4 – As pessoas irão viver do quê ?            | 43 |
| Gráfico 5 – Que formas de uso da terra predominarão ? | 44 |

## LISTA DE FIGURAS

|  | pg |
|--|----|
| Figura 1 – Localização da TI Santana, município de Nobres, estado do MT                      | 4  |
| Figura 2 – TI Santana e seu entorno  | 4  |
| Figura 3 – TI Santana e suas três aldeias: Santana, Nova Canaã e Igu'Yo                      | 5  |
| Figura 4 – Etnomapeamento da TI Santana  | 18 |
| Figura 5 – Avanir tecendo rede   | 29 |
| Figura 6 - Fuso de fiar algodão  | 30 |
| Figura 7 – Planta de algodão na roça do Jairzinho  | 31 |
| Figura 8 – Roçado do Seu Antônio com abóbora, feijão, batata-doce, e outros                  | 34 |
| Figura 9 – Roçado do Jairzinho com mandioca, banana, abóbora, batata-doce, e outros cultivos | 35 |
| Figura 10 – Colheita mecanizada em uma lavoura de arroz                                      | 45 |
| Figura 11 - Lavoura mecanizada de milho  | 45 |
| Figura 12 – Mulheres transportando a produção  | 47 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

APA - Área de Proteção Ambiental

CDS - Centro de Desenvolvimento Sustentável

CPT - Comissão Pastoral da Terra

EMPAER - Empresa Mato-grossense de Pesquisa e Extensão Rural

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MESPT - Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais

PADIC - Programa de Apoio Direto às Comunidades

POLONOROESTE - Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil

PRODEAGRO - Programa de Desenvolvimento Agroambiental

SAFs - Sistemas Agroflorestais

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

TI - Terra indígena

UNB - Universidade de Brasília

UNEMAT - Universidade Estadual de Mato Grosso

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

### 1.1 Motivação e antecedentes

Minha principal motivação para procurar o Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, da Universidade de Brasília (MESPT/UnB), foi a de buscar entender melhor a trajetória de luta dos povos indígenas do Brasil, e de como têm respondido a diversos desafios decorrentes da interface de contato com a sociedade branca envolvente. Assim, a partir deste contexto, poder encontrar pontos em comum com a história do povo Kurâ-Bakairi, assim como em nossa luta por um futuro que possa ser próspero e também sustentável. Desde criança, sinto grande necessidade e vontade de contribuir de alguma forma para a sobrevivência de meu povo e de minha cultura.

Acredito que este caminho passa pelo resgate de nossa história, nossas lutas do passado, do impacto sofrido pela invasão de nosso território e da destruição de nossos modos de vida. Se quisermos persistir no futuro, como Bakairis, necessitamos achar caminhos que nos permitam conciliar a adaptação aos novos modos de vida, com a preservação de nossa identidade.

Eu sou Édson de Oliveira Santos, sou Bakairi, nasci na aldeia Santana, na TI Santana, no ano de 1971. Na aldeia me chamam de Kulewâra. Com o contato com os *karaiwa* (brancos), foram colocados os nomes em português em meus avós, para facilitar a escrever, e até mesmo porque o objetivo era exterminar a cultura do povo Bakairi, através da miscigenação e da perda da língua.

Em meados dos anos 80, a escola onde estudei era coordenada pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), cujo objetivo principal até então era ensinar aos indígenas a ler e a escrever em português, e a fazer quatro operações matemáticas (somar, subtrair, multiplicar e dividir), nada mais. Tenho feito pesquisa junto a meu próprio povo, para poder entender os caminhos percorridos e dar a continuidade aos estudos. Sou a primeira pessoa da TI Santana a ingressar em um curso de pós-graduação.

Em 1988, sai da aldeia para estudar, e conclui a 4ª série através do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Voltei para a aldeia e continuei estudando em casa, indo para a cidade somente nos dias de provas, e assim terminei o ensino fundamental. De 1995 a 1998 participei do projeto Tucum, de formação de professores indígenas a nível de magistério, que era um projeto do governo do estado de Mato Grosso financiado pelo Prodeagro (Programa de Desenvolvimento

Agroambiental). Terminado o Magistério, participei do grupo de trabalho para elaborar o plano de formação de professores a nível superior pela Universidade Estadual de Mato Grosso-UNEMAT, e em 2002 ingressei no curso de licenciatura em Ciências Sociais da mesma UNEMAT, concluindo no ano de 2006.

Em janeiro de 2008 ingressei no curso de especialização em educação escolar indígena, também pela UNEMAT. Sinto-me feliz por fazer parte dessa história no Mato Grosso, uma vez que ajudei a planejar e elaborar este curso.

O MESPT me motiva a estudar o desenvolvimento sustentável para o povo Bakairi, o qual acredito que deve acontecer à medida que o nosso povo consiga trabalhar junto, através do fortalecimento do associativismo. Isso deverá também valorizar a cultura, e o bem-estar do povo, assim como a conscientização sobre a política do Karaiwa e a visão de futuro para as próximas gerações.

## **1.2 Problema de estudo**

O povo Bakairi, assim como todos os povos originários do Brasil e das Américas de forma geral, foi violentado em sua essência, pelo modelo genocida de colonização que se instaurou a partir do contato com os brancos. Os Bakairi vêm passando por transformações que impactaram sua cultura e sua relação com a natureza, de forma drástica. Surgiram muitas dificuldades, como por exemplo as mudanças em suas ocupações e na forma de gerir o território, as roças e as sementes tradicionais.

Registros indicam que o primeiro contato com os *karaiwa* (brancos) se deu em 1723 (Leme, 2013). Desde então, nós Bakairi temos sofrido a influência do contato com o branco de forma contínua, afetando até hoje em dia a nossa identidade cultural, assim como a nossa sobrevivência material.

O território Bakairi está ilhado em meio ao agronegócio, grandes plantações estão no entorno da terra, e a cada dia a pressão aumenta sobre nosso território. O desmatamento chegou em 1978 e não parou mais, vem crescendo em todo o estado do Mato Grosso, conhecido por ser grande produtor de grãos. A degradação não tem fim. As terras indígenas são hoje protegidas, permanecem cobertas pelo cerrado. Mas estão ilhadas, e em seus entornos existem só plantações de soja, milho e algodão. Esse fato está trazendo grande desequilíbrio para nossas comunidades, e as roças tradicionais, antes nosso ponto forte, pararam de ser cultivadas. As sementes tradicionais, sementes crioulas, estão sumindo, aos poucos sendo trocadas por sementes diferentes. Agora começaram a plantar estas novas variedades perto das aldeias, em pequenas

lavouras mecanizadas, e a substituir a roça no cerrado para plantar arroz. Mas para tanto é preciso análise de solo, adubo e irrigação, e lutar contra as formigas e pragas que existem, e que afetam a produção. Estas práticas não fazem parte de nossa cultura, e temos certa dificuldade na aquisição de produtos, assim como em sua aplicação na lavoura. Sabemos que, em muitos casos, podemos nos envenenar com produtos químicos (agrotóxicos), assim como ao meio ambiente.

Uma das preocupações que temos hoje é que os Bakairi começaram a comprar coisas que antes eram plantadas, e isso tem provocado um desequilíbrio cultural na comunidade. Em 2006 chegou a energia e assim o consumismo se fortaleceu. Tudo o que é novo é valorizado, mas causa um tipo de dependência, pois hoje existe a necessidade de pagar a conta de energia. Esta dependência tem levado os jovens Bakairi a trabalhar nas fazendas, como operadores de máquinas e na realização de serviços braçais. Desta forma, os alimentos que são consumidos vêm diretamente do mercado.

Hoje, me pergunto sobre o futuro. Qual a direção que iremos tomar? Como fazer uso sustentável de nossos recursos? E assim, de alguma forma, poder analisar as alternativas de sobrevivência para o meu povo, e contribuir para a melhoria da qualidade de vida. Entre os principais desafios, está a busca por alternativas sustentáveis de agricultura e de se atingir padrões mínimos de segurança alimentar.

### **1.3 Área de estudo**

Os Bakairi da Terra Indígena Santana (TI Santana) encontram-se localizados no município de Nobres, MT (Figura 1), a 150 km da cidade. A última demarcação da TI Santana, feita em 1983, comporta uma área de 35.471 hectares. A população é de 206 pessoas (ISA, 2020). Existem outras aldeias Bakairi no município de Paranatinga (TI Bakairi, 61.405 hectares, população de 734 residentes), a 350 km do município de Nobres.

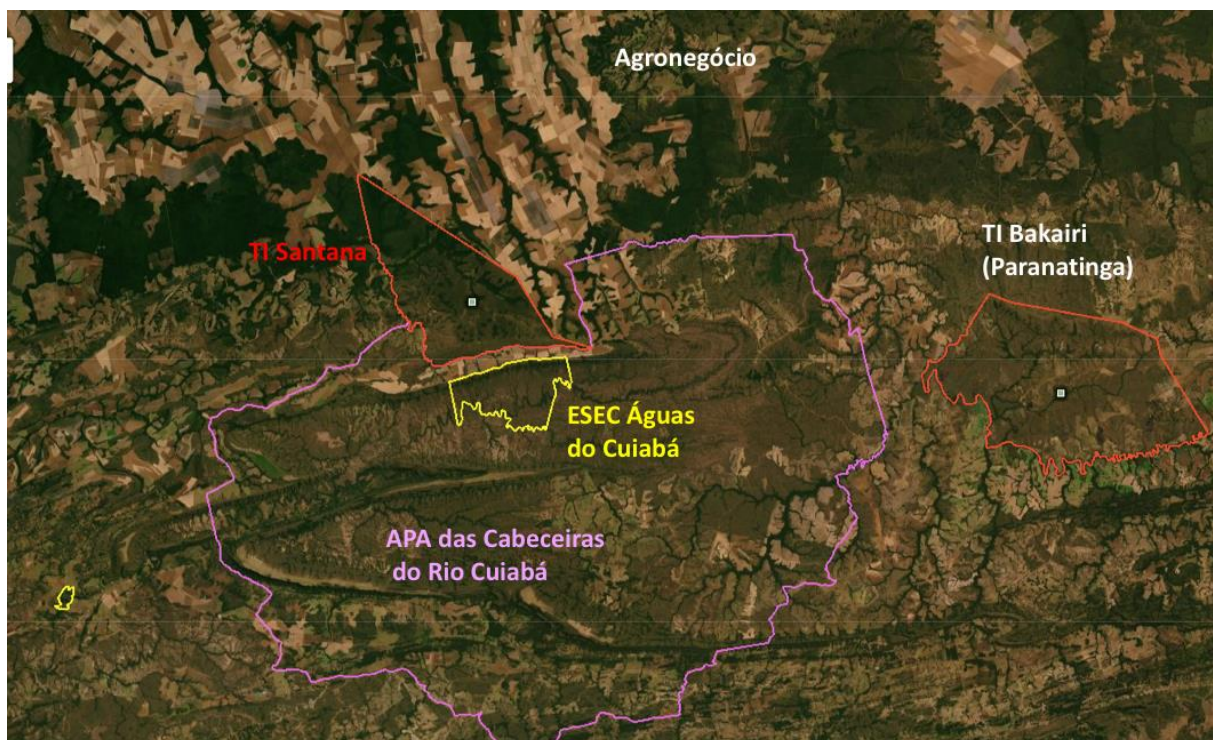
Figura 1 – Localização da TI Santana, município de Nobres, estado do MT



Fonte: Google Maps, 2020

A TI Santana encontra-se rodeada por fazendas com vastas plantações de soja, milho e algodão, entre outras. A Figura 2 mostra, também, a TI Bakairi Paranatinga, e a APA da Lagoa Azul (com contorno em amarelo).

Figura 2 – TI Santana e seu entorno:

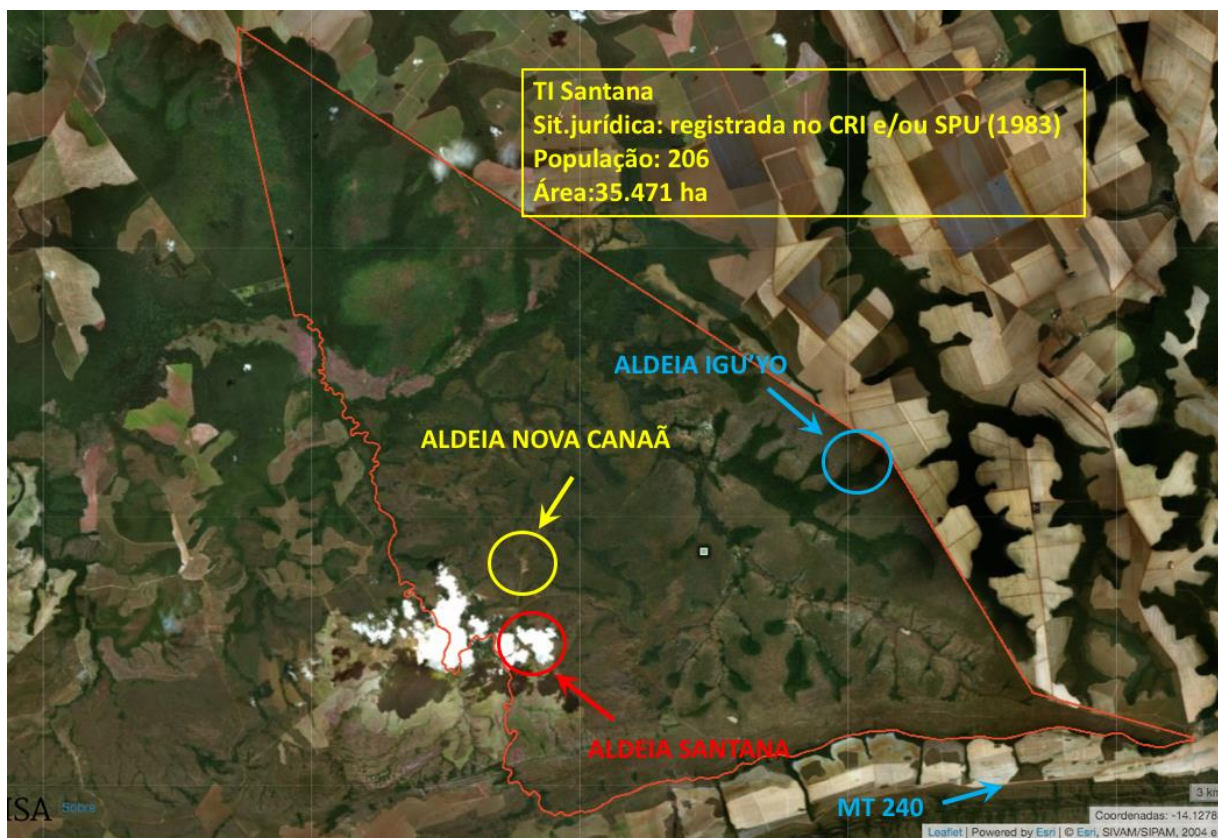


Fonte: Instituto Socioambiental (2019)

A TI Santana comporta três aldeias: aldeia Santana, aldeia Nova Canã e Aldeia Quilombo (Igu Iâ'o). Esta última, mais recente, surgiu a partir de uma família e várias pessoas solteiras. As aldeias podem ser visualizadas na Figura 3.

Figura 3 – TI Santana e suas três aldeias: Santana, Nova Canã e Igu'Yo





Fonte: Google Earth Pro

Na aldeia Santana residem 32 famílias, e outras 9 pessoas que moram sozinhas. É a aldeia mais antiga, e também aldeia sede, onde está toda estrutura, como escola, sede da Funai, e posto de saúde, e máquinas agrícolas. A segunda aldeia, Nova Canã, situa-se 4 km ao norte. Nela residem 9 famílias, e outras 2 pessoas morando sozinhas. Nova Canã tem 19 anos de fundação, está se estruturando, e tem hoje algumas casas de alvenaria, meios de comunicação a internet via satélite. Mas depende, no resto, de toda estrutura da aldeia Santana. A terceira aldeia, Igu Iã'o ou Quilombo, foi formada por uma só família em 2009, e ainda está em fase de estruturação. Hoje conta com 6 casas.

## 1.4 – Objetivos

### *Objetivo geral:*

O objetivo desta dissertação é resgatar parte dos conhecimentos locais dos Bakairi da TI Santana relacionados à agricultura, descrever e analisar a trajetória da relação com o seu

território, e discutir possíveis cenários futuros relacionados à paisagem, à produção de alimentos, e aos modos de vida, contribuindo de alguma forma para a busca de *Koendâ kidawâli*<sup>1</sup>.

### **Objetivos específicos:**

**Objetivo específico 1** – Apresentar um breve histórico do povo Bakairi e sua relação com o território. Para tanto, foi realizado um resgate de minhas memórias a partir da vivência com os mais velhos, em especial o meu avô materno. Estas memórias foram complementadas com uma pesquisa bibliográfica e documental.

**Objetivo específico 2** - Descrever e discutir a agricultura Bakairi na TI Santana, assim como a relação com os modos de vida Bakairi. A metodologia utilizada valeu-se de visitas de campo aos roçados, de participação nos mutirões agrícolas, de descrições dos roçados e do manejo dos sistemas de produção, de registros fotográficos e de entrevistas com famílias agricultoras residentes na TI Santana.

**Objetivo específico 3** - Analisar a percepção da comunidade da TI Santana a respeito de possíveis cenários futuros de relação com a terra e com o território, da paisagem e das formas de geração de renda. A abordagem utilizada se baseou em entrevistas abertas e informais com vários de meus parentes, incluindo lideranças, mulheres e homens de diferentes faixas etárias. Em particular, realizamos um exercício coletivo, do qual participaram 30 Bakairis, com visualização lúdica sobre como seria nossa vida na T.I. Santana daqui a 20 anos, a paisagem, e a agricultura, e formas de ganhar a vida. Adicionalmente, realizei uma análise das vantagens e desvantagens da adoção do modelo da agricultura mecanizada, e faço algumas conjecturas sobre a viabilidade de mesclar esse modelo com um outro, mais biodiverso, baseado do saber e fazer agrícolas locais.

## **1.5 – Relevância deste trabalho**

A vida do povo Bakairi sempre esteve ligada à agricultura tradicional. Os Bakairi de Santana cultivavam as suas roças e suas sementes com muito orgulho. Aqui vou falar uma breve história do povo Bakairi de Santana e de Nova Canãa.

<sup>1</sup> *Koendâ kidawâli* significa um sonho a ser conquistado, sonho que envolve atingirmos um estado de bem-estar, de ambos os pontos de vista material e espiritual, ou seja, um bem-estar de felicidade e prosperidade.

O povo Bakairi tem uma história de contato que antecede a criação dos estados e municípios, que atualmente formam o médio norte de Mato Grosso. Vivemos em uma região onde predomina o agronegócio, e nunca imaginávamos que isso invadiria o nosso território. O capitalismo selvagem chegou a nós também, de forma sutil e comumente nociva.

Pretendo, com este trabalho, contribuir para o resgate do conhecimento associado à tradição agrícola Bakairi, assim como a sua relação com as festividades, e com a cultura Bakairi de forma geral. Outra contribuição à qual me proponho, refere-se à discussão de possíveis caminhos para atingir um nível de consciência, que em nossa língua, chamamos de *Koendâ kidawâli*. Literalmente, significa um sonho a ser conquistado, sonho que envolve atingirmos um estado de bem-estar, de ambos os pontos de vista material e espiritual, ou seja, um bem-estar de felicidade e prosperidade. No que se refere à relação com a terra, espero que este trabalho possa contribuir na discussão de possíveis formas de se praticar a agricultura, de se melhorar a segurança alimentar, de se manter e praticar o conhecimento e a agrobiodiversidade presentes na agricultura Bakairi, e relacionar estas práticas à geração de renda.

## **CAPÍTULO 2 - BREVE HISTÓRICO DO POVO BAKAIRI E SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO**

### **2.1 Contato**

O primeiro contato dos Kurâ-Bakairi com o homem branco se deu em 1723, com a chegada dos bandeirantes na região do atual estado do Mato Grosso. Os bandeirantes eram liderados por Antônio Pires de Campos, que, assim como o seu pai, Manuel de Campos Bicudo, adentrou as terras da região à cata de índios para vender como escravos em São Paulo (Leme, 2013). A relação dos bandeirantes com o povo Bakairi, entretanto, era de oferecer apoio aos conflitos com outros povos indígenas, fornecendo armas de fogo aos Bakairi, com o objetivo de conseguir aliados no combate a índios “bravios”.

Os bandeirantes eram pessoas que adentravam as regiões difíceis, onde somente os indígenas tinham conhecimentos (Ferreira, 2001). Os karaiwa tinham uma tarefa que era aprisionar os indígenas para a mão-de-obra escrava. Em uma dessas andanças, estes karaiwa tiveram contatos com os Bakairi. Por serem um povo pacífico, logo existiu o convívio, mesmo correndo o risco. O povo Bakairi seguia as orientações dos karaiwa, mas não aceitavam tudo, pois sempre tinham “um pé atrás”.

Registros históricos de 1771 indicam que os Kurâ-Bakairi foram encontrados em ambas as margens do rio Paranatinga (Kurâ-Bakairi, 2016). Em 1879, inicia-se a catequização dos Bakairi pelo frei Conrado Mari. Em 1884, o alemão Karl von den Steinen registra a existência de Bakairi orientais, moradores do Alto Xingu. A primeira liderança destacada entre os Bakairi de Santana era conhecido por Capitão Reginaldo T'elu, sobre o qual temos as seguintes informações "...sempre demonstrou interesse nas anotações do expedicionário alemão, acresce ainda que possuía a qualidade admirável de uma fácil apreensão, exprimindo-se, de maneira clara, em português, embora rude” (Kurâ-Bakairi, 2016).

Ainda sobre capitão Reginaldo, sabe-se que foi o principal responsável pela primeira demarcação da Área Indígena Bakairi Santana do atual município de Nobres, através do Ato nº 362, de 24 de abril de 1905, de iniciativa do governo estadual (Kurâ-Bakairi, 2016).

Já em 1914, com a chegada da família Spinelli, os Bakairis foram induzidos a participar na extração comercial da borracha, através do sistema de aviamento, no qual a borracha extraída era trocada por artigos como café, cachaça, açúcar, sal, anzóis, tecidos, armas de fogo e munição. Os Bakairi trabalharam também na construção de estradas e cercas, e como domadores de cavalos e burros, vaqueiros, e faziam viagens que duravam semanas, do atual Rio Novo até Diamantino.

A criação do Posto Indígena Santana, em 1965, foi reivindicação dos próprios Bakairi do Rio Novo, como forma de assegurar parte do território tradicional, através do Serviço de Proteção

aos Índios (SPI), pois o mesmo estava sendo invadido por fazendeiros. Para tanto, quatro Bakairis (Palmiro Barata, Manoel Mârito, Egídeo Sapâay e Braselino Maiura) caminharam a pé até Cuiabá levando alguns dias para poder chegar, onde estava localizada a 6ª Inspeção Regional do SPI, para expor junto ao órgão indígena da época as suas necessidades. O objetivo foi de pedir o reconhecimento da terra e mostrar ao diretor que existiam ali Bakairis. Assim, foi enviado o primeiro representante do governo na aldeia Bakairi do Rio Novo.

João Viegas Muniz foi o primeiro chefe do Posto indígena Santana, em 1965. A aldeia Santana é a aldeia mãe de outras duas aldeias no território da Terra Indígena Santana (TI Santana): Aldeia Nova Canaã, e Aldeia Quilombo (Igu Iâ'o), em formação, e fruto do retorno de uma família que havia saído da aldeia devido a um conflito.

## **2.2 Origens e migração Bakairi**

No Brasil, a maioria dos povos moravam no litoral, antes da chegada dos portugueses. Devido às agressões ocasionadas pelo contato, tiveram que migrar para o interior. Acredita-se que o povo Bakairi estava entre estes povos. Muitas histórias e lendas dos Bakairis estão ligadas ao Mar, como por exemplo o *Paru âtaby*, que quer dizer rio gigante.

A história de contato do povo Bakairi permanece viva na narrativa dos velhos da aldeia, (Kaihua e Âkiwa) que foram meus mestres na história do meu povo. Eles sempre me ensinaram as existências das diferenças linguísticas, históricas e culturais dos povos, das famílias especificamente e quando a história é contada pelas pessoas que não fazem parte da linhagem familiar as coisas mudam. Por isso, o valor das narrativas dos velhos se torna tão importante para nós, os Bakairi.

Nas narrativas dos velhos, os Kurâ (nosso povo) vieram do Pará, migrando para a região Centro-Oeste, especificamente o Médio Norte do Mato Grosso. Com a presença dos brancos, foram subindo os rios Amazonas, e seus afluentes. O povo Bakairi são bons fazedores de canoas de casca de jatobá, este era o meio de transporte deles. Foi neste trajeto que eles se dividem, indo uma parte para o Xingu e seguindo o rio, e outro grupo segue o rio Tapajós e Juruena, Arinos e rio Novo. Por muitos anos, estiveram distantes uns dos outros, mas sabiam que existiam os parentes em outro lugar. Por muitos anos ficaram assim, o que em sua memória chamam de *akâwa* (muito tempo). Devido a isso, o dialeto Bakairi sofreu algumas mudanças de sotaque, mas continuaram se entendendo. Por muitos anos, os Bakairi de Santana, quando encontravam

os Bakairi de Pakuera (TI Paranatinga), não se entendiam. Quando os Bakairi de Santana falavam na língua dos de Pakuera diziam *KÒ*, como expressão de “não sei”.

Agora, falando dos Bakairis de Nobres, quando eles chegaram neste lugar, ao que hoje está demarcado como TI Santana, a colonização já estava chegando também, por volta do século XVIII. Este povo serve como mão-de-obra para os colonizadores, conforme a narrativa dos velhos. Quando eles chegaram no lugar que hoje chamam de Pantanalzinho, os colonizadores estavam também chegando neste lugar.

Assim, o contato com o não indígena vai se tornando constante, e eles passaram a ser habitantes deste território, desde o Pantanalzinho até o rio Novo. Toda esta área era o território onde eles transitavam normalmente.

Mais tarde, devido á pressão dos invasores, já no começo do século XVIII, eles passaram a morar no outro lado do rio Novo, que hoje é a atual Terra Indígena Santana. *Rio Yemâryri*, como é chamado pelos Bakairi na época que eles chegaram. Neste lugar e se estabeleceram ali por que tinha muitos peixes e caças, eles passaram a morar à margem deste rio foi neste lugar que quase foram dizimados pelos Karaiwa. Mas mesmo sofrendo as ameaças continuaram cultivando a sua cultura, isso era riqueza para a sobrevivência do povo na época.

Assim, forma-se um grupo que mais tarde se tornou aldeia. Devido à preocupação com o aprendizado das crianças, e prevendo o futuro, passaram a morar no lugar por nome de *Kâxi ekuru* (rio dos Peixes), pelo fato de proporcionar acesso mais fácil à escola. Assim, ao final do ano de 1999 começa a surgir uma nova aldeia, que hoje chamamos de Nova Canãa (*kurâ âtâ iwelo domodo*). O nome foi dado pelo senhor Fernando Kaiawa (falecido). Mas, mesmo morando em aldeias diferentes, os Bakairi sempre mantêm uma ligação com todos. Nova Canãa e Santana, quando é para o bem das comunidades, sempre estão juntos.

Os Bakairi de Santana são diferentes de outros Bakairi, devido ao conhecimento que adquiram durante o ciclo da Borracha. Eles lidavam bem com o manejo da seringa, se envolveram muito cedo com este tipo de trabalho. Este conhecimento é confirmado através da memória dos velhos. Segundo eles, foram os indígenas que descobriram a borracha, e mostraram a seringa aos colonizadores.

E a História mostra isso, tanto e que o naturalista francês Charles Marie de La Condamine ficou muito interessado, quando tomou conhecimento da pegajosa e espessa seiva com a qual os índios da Amazônia, no século XVIII, confeccionavam objetos. Assim relatou sua descoberta

na Academia de Ciências da França, em 1774: "*Os índios fabricam garrafas, botas e bolas ocas, que se achatam quando apertadas, mas que tornam a sua forma primitiva.*"

Os Bakairi e os povos amazônicos tiveram contato com os seringueiros durante o ciclo da borracha. Isso mostra que, realmente, o povo Bakairi veio da Amazônia, e se engajou no trabalho da extração da borracha. O contato com o não indígena ocorreu no século XVIII, e ao final do século XIX já serviam de guias para os colonizadores, mostrando as seringueiras nativas nas nascentes dos rios Arino, rio Verde, rio Alegre, rio Tartaruga e muitos outros rios que são nascentes dos rios que formam a Bacia Amazônica.

Os Bakairi da terra indígena Santana sempre foram extrativistas. Alguns poucos se destacavam como criadores de gado. Conheço alguns nomes que obtiveram destaque na criação de gado, como o Reginaldo Mariku, a quem chamavam de Capitão Marco. Muito conhecido em Santana, este Bakairi era criador de gado. Entretanto, é bem provável que Capitão Marco serviu também de mão de obra barata, ou algo parecido, porque já nesta época havia a presença dos brancos na região. Já outros indígenas se destacavam como domadores de cavalos e burros, para as tropas de boiada, e tropas de transporte de borracha, que vinham das matas e lugares distantes.

As coisas foram mudando partir de 1978, com a chegada do desmatamento no entorno do território. Esta tem sido a principal causa do desequilíbrio da natureza, e isso afetou e continua nos afetando a cada dia. Nossa terra representa nosso principal meio de sobrevivência. Nossas roças passaram a não produzir mais quase nada, devido aos ataques dos animais, como o porco-do-mato e os pássaros, sem falar em outros insetos. Isso vem prejudicando diretamente as roças tradicionais, causando desânimo dos homens que passaram a não fazer mais as roças tradicionais. E vieram também as leis, determinando que já não se podia mais queimar nada. O fogo passou ser crime, e a Funai se acomodou. As coisas foram ficando cada dia mais difícil. Foi assim que as pessoas partiram para trabalho fora do seu contexto.

Durante toda a trajetória do povo Bakairi de Santana, estivemos envolvidos com a agricultura. Sempre tivemos este hábito. Nós Bakairi não somos coletores, somos agricultores, e nossa mitologia está ligada ao milho, arroz, mandioca etc... Nos tempos antigos, fazíamos roças tradicionais usando apenas o machado de pedra, que era a ferramenta utilizada para derrubar a roça. Imaginamos a dificuldade que tiveram os nossos velhos, para poder ter alimentos para comer durante ano. Eles tinham uma técnica de fazer a roça.

Meu avô, Manuel Mâritu, me contou quando eu era pequeno, que a roça era feita sempre usando a copa de um pé de jatobá, uma das árvores mais frondosas que existe na mata. Então, quando

se ouvia os cantos dos pássaros e insetos voando durante as manhãs, era sinal que o tempo estava mudando, que estaria chegando o período seco, época de fazer a roça, dizia Dâpigu adawâdili. Os Bakairi de Santana sempre gostaram de trabalhar em mutirão, por isso as mulheres sempre estavam juntas, elas é que preparavam a comida para os trabalhadores. Usando o machado de pedra, eles cutilavam o pé do Jatobá e outras árvores, que tinham copa grande, e diâmetro suficiente para uma plantação. Se escolhia a arvore conforme o número das famílias. Faziam isso e esperavam um pouco e depois colocavam o fogo do pé da arvores, e este fogo era o que derrubava a arvore. A árvore queimava tudo. No lugar que se queimava o jatobá, virava roça, e depois esperavam a primeira chuva para poder fazer a plantação de mandioca, inhame, banana, arroz, vários tipos de feijão e tudo que eles tinham plantado.

As cerimônias de colheitas eram feitas especialmente com a primeira colheita de milho, conhecido como o milho fofo, que os Bakairi chamam de *Kurâ*, e também a batata de várias qualidades (*Na'odo*). As plantações da roça eram alimentos, que se tinha durante o ano o armazenamento era feito tudo dentro das possibilidades existentes da época. O contato com os Karaiwa, o não índio, mudou muitas coisas a primeira coisa que mudou e que o Bakairi passou a usar, foi a ferramenta de ferro como machado, enxada, foice e facão; isso já era o suficiente para fazer a roça e fazer a sua plantação. Mas continuaram a usar as flechas, especialmente para pescar peixe. Mas os Karaiwa deram arma de fogo, tanto é que em 1847 já estavam a procura de arma de fogo.

O povo Bakairi são bilíngues, ou seja, falam o Bakairi e o português ao mesmo tempo. A língua quase perdeu, mas houve a recuperação, com a Missão Wicliffe, uma iniciativa protestante americana, que veio traduzir a Bíblia no final da década de 1960. Outro momento de resgate e fortalecimento da Língua veio quando os professores passaram a ser os próprios Bakairi.

O Ciclo da Borracha corresponde ao período da história brasileira em que a extração e comercialização de látex impulsionaram grandes migrações de pessoas para o interior da Amazônia, para a produção da borracha. A extração comercial do látex na região foi realizada entre os anos de 1879 e 1912, revigorando-se por pouco tempo entre 1942 e 1945 no Mato Grosso. Na nossa região, a economia da borracha ainda continuou até o meado dos anos 1980, quando o povo Bakairi da TI Santana, município de Nobres pararam de extrair a seringa. A FUNAI ajudou, dando suporte para os indígenas que tiravam a borracha, a partir de aproximadamente 1978 até meados de 1980. A ajuda da FUNAI era feita através do escambo da borracha por artigos alimentícios, que a instituição trazia de Cuiabá, para ser trocada por



barras de borracha crua. A borracha acabou tendo a sua decadência, uma vez que um funcionário novo da FUNAI, ao substituir um antigo, decidiu interromper o apoio à extração da borracha.

O reconhecimento dos direitos dos povos indígenas veio com a Constituição de 1988, e logo em seguida, em 1990, a mudança na estrutura da FUNAI. Mas o incentivo aos Bakairi em continuar com a extração do látex parou, e os que já tinham essa prática foram desanimando, uma vez que também não se tinha mais lucro. Outro motivo para interromper a atividade, é que já não estava sendo vantajoso ficar no mato, as famílias foram mudando a forma de pensar, e as crianças começaram a frequentar a escola. Isso aos poucos foi desanimando as pessoas que trabalhavam com a seringa.

### **2.3 O Polonoroeste, a FUNAI e as roças tradicionais**

As fazendas foram se instalando ao redor da TI Santana, e logo chegaram os agricultores vindos da Região Sul para cultivarem as grandes lavouras de arroz, e mais tarde soja e milho. Até então não se sabia que o Cerrado seria o celeiro do nosso estado. Foi nesta transição que surge, em 1981, o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil - POLONOROESTE, projeto financiado pelo Banco Mundial (US\$ 411 milhões), e a consequente construção e pavimentação da BR-364. Acredito que já estavam prevendo, nesta época, o potencial do Mato Grosso para a produção de grãos. Desta forma, acelerou-se ainda mais o processo migratório, transformando a região radicalmente. Em menos de 10 anos, foi tudo loteado, prejudicando os territórios indígenas, porque para o governo militar da época, era como se não existisse pessoas nas terras, não faziam diferença. O loteamento de grandes pedaços de terra atropelou não só os indígenas, como também populações tradicionais (mestiços) que viviam às margens dos rios Cuiabá, Arinos, Teles Pires e muitos outros rios de Mato Grosso.

O projeto Polonoroeste teve a sua contribuição. A nossa TI Santana foi demarcada pela segunda vez, em 1983 (a primeira foi em 1905, pelo Diretório de Índios da Província do MT), uma demarcação mais próxima da realidade, apesar de contemplar apenas aproximadamente metade do que acreditamos corresponder a nosso território de fato. Esta demarcação é a que permanece hoje. Mas, durante estes anos que se passaram, houve um problema, pois os mais velhos foram morrendo e os mais novos não acompanharam as mudanças, devido ao contato com os Karaiwa. Isso, de certa forma, estava desestruturando o povo. Os Bakairi já estavam a muito tempo neste lugar, mas o agente do governo, da SPI, e mais tarde FUNAI, não ouviu os que já moravam em Santana, e trouxe outras famílias Bakairi que moravam nas fazendas, já letrados, assim como

da aldeia Bakairi de Paranatinga (antiga Simões Lopes), para a aldeia Santana. Interferiram também na escolha do cacique, pois no entender da FUNAI os que moravam em Santana não serviam para liderar, por não serem letrados, por não saberem lidar com os Karaiwa.

Inclusive, como explicado acima, reivindicávamos a demarcação de nosso território para que incluísse uma área aproximadamente o dobro que a área demarcada. Mas, nesta época, o cacique ilegítimo errou, pois não quis ouvir os anciões que já moravam na aldeia Santana, e não lutou pela demarcação “real”, e assim perdemos quase a metade da nossa terra. Foi neste período que chega o projeto Polonoroeste. Como a Aldeia Santana já era a aldeia maior, eles foram beneficiados com um trator CBT 2070, um carro F-4000 uma F-100, além da compra de gado e vacas leiteiras, engenho e outros equipamentos voltados para a agricultura mecanizada. O problema foi que a comunidade de Santana não foi preparada para isso, tudo ficou centralizado em torno do chefe da FUNAI. O projeto produtivo funcionou por alguns anos, mas não houve continuidade, devido à falta de recurso (capital de giro), e de capacitação.

A FUNAI errou, pois não reconheceu esta diversidade interna dos Bakairi. O conhecimento de empreendedor não foi valorizado, destes que já não moravam na aldeia grande (Santana), não foram contemplados, ficaram de fora. Justamente estes que sabiam trabalhar, como o meu Avô Palmiro, que era domador de cavalo, e meu avô Durval, acostumado a trabalhar em fazenda, ele tinha de tudo, até carroça de madeira ele fazia. Meus tios eram agricultores, plantavam banana, arroz, batata-doce, cana e outros. Além das roças, tinham também animais de pequeno porte. Mas não foram incluídos no Projeto Polonoroeste, pois estavam entre aqueles que se mudaram para Nova Canaã, devido ao conflito ocorrido, ainda nos anos 1960, conflito este em decorrência da ingerência da SPI ao trazer famílias Bakairi das fazendas e de Paranatinga, mais letradas, e determinando que o novo cacique estaria entre estes.

Voltando ao Polonoroeste, a exclusão das famílias de Nova Canaã dividiu a comunidade da TI Santana, criando rivalidade entre os que moravam na aldeia sede (Santana) e os que moravam fora dela. Nesta época, chegam os agricultores da Região Sul (gaúchos, paranaenses e catarinenses), e os que não moravam na aldeia Santana foram trabalhar nas fazendas como catadores de raiz, porque a seringa já não dava mais nada. Por catadores de raiz, entende-se o ato de fazer a coivara, amontoando galhos, troncos e raízes para serem queimados, depois que os tratores desmatavam com correntão para “formar” as fazendas.

Outros começaram a vender madeira ilegalmente. Já outros trocavam a colheita de seus roçados (batata-doce, milho, banana, inhame) por mercadorias como açúcar, café, sabão, nas fazendas vizinhas. E assim a vida seguia.

Os anos 80 vivemos entre altos e baixos. Muitos homens e jovens iam trabalhar nas fazendas, e começaram a ingerir bebidas alcoólicas. Este foi um período muito triste, porque começaram muitas brigas na aldeia, desentendimento. Brigas pelo poder. Quem tinha mais poder na aldeia era o cacique, poder este realçado pelas posses materiais. O cacique, usando da sua posição, começou a expulsar os chefes de Posto da FUNAI. Isso ocorria, por exemplo, quando o cacique queria realizar algo na TI Santana, e o funcionário da FUNAI não autorizava. Aquele que não consentia com o que ele pensava, ele afastava. Não apenas o cacique, mas outros líderes locais residentes na aldeia de Santana não foram sábios, pois deixaram os que não moravam na aldeia grande (Santana) de lado, e trataram deles como se não fossem parte do povo. Isso gerou muito conflito interno na época, quase que repetindo a era dos antigos karaiwa, que sempre se aproveitavam de situações de conflito, para se sobrepor a nós.

Assim, a década de 1980 foi uma época de muitas mudanças, mas também de muito conflito interno, devido a situação que foi colocada de maneira errada, uma vez que os recursos do Polonoeste foram divididos de forma desigual. Os Bakairi não estavam preparados socialmente para lidar com tantas novidades.

Uma das consequências importantes do Polonoeste, foi que os Bakairi começaram a abandonar as suas roças, trocando-as pela lavoura mecanizada, ou pelo trabalho nas fazendas vizinhas. A lavoura mecanizada era mais cômoda de trabalhar, retornava mais produção com menos trabalho. Os Bakairi passaram a plantar arroz, milho, feijão e outros cultivos de agricultores karaiwa. Mas logo vieram os problemas, porque máquina é bom, faz muitas coisas, mas sem treinamento, especialmente quanto à manutenção das máquinas, logo dá problema e precisa ficar parada.

O segundo motivo que levou à diminuição das roças tradicionais, foram os problemas com o ataque de insetos-praga e porcos-do-mato, que aumentaram muito nos anos 1980.

Neste período, houveram também interferências não bem esclarecidas por parte da FUNAI, sendo a principal delas a limitação na forma de realizar as queimadas. Segundo o relato do Cacique Arnaldo, da aldeia Santana, o motivo foi a falta de controle na queima das roças, sem fazer aceiros, gerando incêndios. O erro da FUNAI foi que não houve esclarecimento adequado,

para a comunidade o servidor da FUNAI deveria ter feito uma ou várias reuniões ou seminários para poder esclarecer melhor, isso teria facilitado muito.

A FUNAI não fez da forma como deveria, e criou uma Brigada, chamada Previ-Fogo que era para anteder as aldeias Bakairi, mas não funcionou, porque deveria ter incluído representantes das duas TIs, mas incluiu apenas a TI Bakairi Paranatinga. A consequência foi que os Bakairi da TI Santana não aceitaram uma terra mandar na outra, e aí o resultado foi mais um motivo para ir abandonando as roças, porque as roças sempre foram feitas através das queimadas, de forma pensada. Os Bakairi sempre usaram seus métodos, como fazer aceiros. O aceiro é uma barreira de controle para o fogo não se alastrar quando for fazer queimadas das roças. Outro motivo foi que as pessoas foram ficando velhas, e os filhos passaram a frequentar a escola, então as coisas foram mudando, rapidamente sem perceber as pessoas foram deixando de fazer a roça e plantar seus produtos.

### **CAPÍTULO 3 – A AGRICULTURA DOS BAKAIRI DE SANTANA, E SUA RELAÇÃO COM O TERRITÓRIO E OS MODOS DE VIDA**

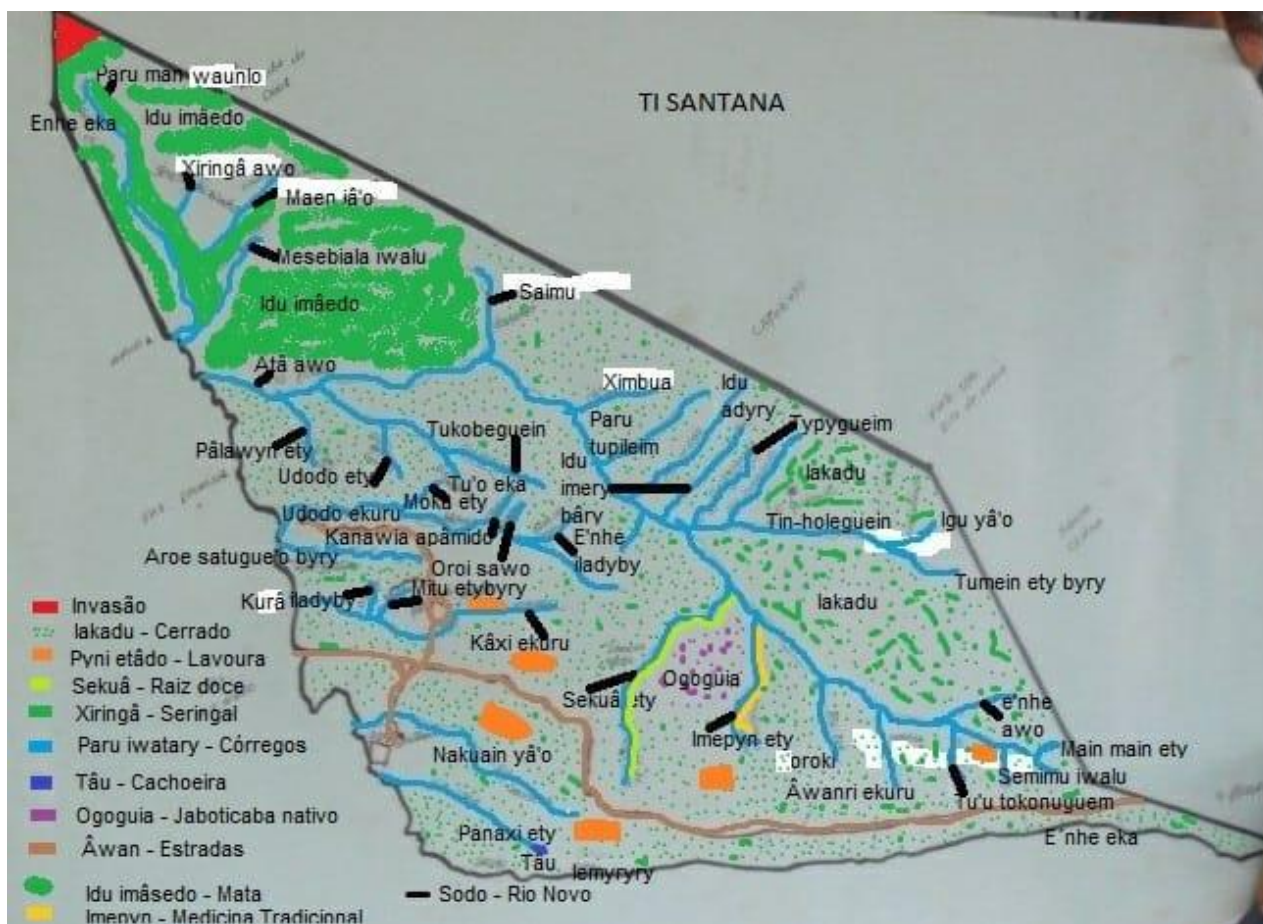
Nos últimos 25-30 anos, a agricultura na TI Santana tem passado por mudanças, devido ao contato direto com a sociedade que nos rodeia, embora estivéssemos distantes das cidades. Nos últimos anos, entretanto, o contato com a cidade vem se tornando mais frequente, e as aldeias começam a sofrer as consequências, com o aumento no consumo de alimentos do mercado, e acesso fácil de vendedores ambulantes que chegam na aldeia com frequência cada vez maior.

Este trabalho de caracterização e resgate da agricultura Bakairi de Santana foi feito através de muitas conversas com os mais velhos, participação em reuniões, visitas de campo, ida às roças com a comunidade, e participação em todos tipos de trabalho, junto a meus sobrinhos e primos da aldeia Nova Canãa. Nesta aldeia, eu praticamente me criei. Em Santana foi onde eu nasci e vivi. Mesmo não morando lá, Santana é o lugar onde, quando jovem, jogava futebol, e participava das festas durante minha infância, assim como a escola onde aprendi a ler e a escrever. Mas foi na aldeia Nova Canãa que vimos o nosso sonho se tornar realidade.

As áreas de plantio foram descritas e fotografadas. As informações sobre o manejo das culturas incluíram as principais espécies agrícolas utilizadas, e seus arranjos espaciais nas roças; o calendário agrícola, associado às festividades Bakairi; o uso e a composição de mão-de-obra, e as práticas de manejo: plantio, capina, colheita, beneficiamento e pós-colheita. Incluo, também, uma discussão sobre a chegada de programas como o Polonoroeste e o Prodeagro, nos anos 1980, a intermediação da Funai, e como estes programas ajudaram a transformar a realidade da agricultura dos Bakairi Santana.

Utilizo também fontes secundárias, em especial o Etnomapeamento Kurâ-Bakairi (Kurâ-Bakairi, 2016) na TI Santana (Figura 4).

Figura 4 – Etnomapeamento da TI Santana:



Fonte: Kurã-Bakairi (2016)

Para ajudar a nortear a qualificação relativa ao resgate do conhecimento relacionado à agricultura tradicional Bakairi, cabe aqui apresentar o conceito de *koendã kidawãli*, uma terminologia Bakairi relacionado ao bem-estar da tribo, da comunidade. Este conceito também servirá de princípio orientador na discussão da percepção dos Bakairi a respeito do futuro, dos caminhos possíveis a percorrer para a produção de alimentos, e de sua relação com o território, apresentada no Capítulo 3.

O conceito de *koendã kidawãli* consiste em um estado de espírito de felicidade, de bem-estar espiritual, bem-estar familiar e comunitário. O conceito reflete bem-estar não apenas da família, como um todo, mas da relação de pertencimento entre cada pessoa com a sua família, com sua comunidade. Significa também estar de bem consigo mesmo. Estar bem individualmente, no coletivo, e com o Todo; sentir-se digno, honrado, abençoado. Culturalmente, implica em sentido e visão que ninguém tira ou elimina. Reflete também um estado de otimismo, de crença em um futuro próspero, de que conseguiremos prover para nossa família. Mesmo diante de problemas, uma ação ou atitude inspirada pela ideia *koendã kidawãli* toma o caminho certo para o futuro,

de que dias melhores virão, e de que, assim como a vida passa, todos os males passam. Mas é preciso que este seja o pilar da vida e da sociedade, e precisa ser alimentado. Por isso a importância de valorização de nossos conhecimentos tradicionais, de nossa cultura. Nós Bakairi já passamos por muitos momentos difíceis, mas acreditamos na nossa potencialidade, como povo Bakairi, que dias melhores virão especialmente quando a alimentação estiver de fato garantida. Para deixar o índio alegre, é preciso, entre outras coisas, ter comida, e estar de barriga cheia.

### **3.1 A agricultura tradicional Bakairi**

As roças tradicionais Bakairi eram feitas usando o machado de pedra, a partir de copas de árvores frondosas, especialmente o Jatobá (*ânwâri*), que era anilhado, secava, e depois queimado, para dar lugar às roças incluindo diversas variedades de mandiocas, batatas e outros. Conforme o tempo ia passando, os Bakairi, durante as caminhadas, começaram a perceber e descobrir que os Karaiwa faziam algo diferente, e eles foram aprendendo e também introduzindo dentro da sua cultura, olhando e observando como era feito as roças.

A agricultura Bakairi de Santana é realizada por famílias ou por grupos de famílias. Se a família for grande a roça é grande, se for pequena ela vai ser pequena. Nos tempos antigos, o cálculo da área levava em conta o que as famílias precisavam para comer durante um ano. Dentro da comunidade também existem aqueles que só ajudam os que tem a plantação ou roças grandes. Essas pessoas não fazem roças próprias, mas quando termina a safra tem o direito de ganhar alimentos pelo trabalho que fizeram. Chamamos estas pessoas de parceiros (*iduno*).

Nas roças, as mulheres têm mais poder de decisão por ajudar a plantar, e as vezes organizar o que vai se plantar dentro da roça Bakairi. O homem não decide nada sozinho. Aqui eu quero dizer que a visão do Bakairi é diferente da do homem branco, as conversas são feitas entre a família. Na cultura Bakairi de Santana não se fala na frente. As decisões vêm depois, quando alguém pede alguma coisa normalmente. Dizem “vou ver”, “preciso verificar”, ou “vou falar com quem entende” e assim vai, mas isso não se trata de enrolação, ou mesmo negligência. Quando alguém pede, as pessoas sabem que de fato está precisando, mas primeiro é preciso ver a quantidade que essa pessoa que está querendo. Por isso, é preciso conversar antes para poder tomar a decisão.

As roças tradicionais Bakairi estão cada vez menos presentes na TI Santana, devido a fatores discutidos abaixo. Durante minha pesquisa, apenas 4 roças tradicionais foram localizadas (ver

fotografias abaixo). A maior parte das 41 famílias, entretanto, mantém quintais bastante diversificados ao redor das casas. As roças tradicionais são familiares no geral, mas algumas vezes comunitárias também. O homem é responsável para prover a família de alimentos, e a roça costumava ser a principal fonte de segurança alimentar para a família. Hoje em dia, a principal fonte de alimentos é o mercado da cidade (Nobres). As compras de alimentos têm aumentado a partir dos anos 1990, quando nós Bakairi passamos a nos empregar e receber a renda, inicialmente como professores ou assistentes de saúde, e posteriormente como trabalhadores nas fazendas vizinhas. As compras aumentaram também quando passamos a receber pensões.

Tradicionalmente, sempre foi interessante constituir famílias grandes, pois quanto maior o número de filhos, maior a força de trabalho para as roças. Os filhos homens são aqueles que mais ajudam o pai na roça. Uma família que tem ao menos um filho homem, consegue trabalhar uma área maior de roça, o que se traduz em maior ganho material para a família. Dependendo do tamanho da família, a roça pode ser pequena, tipicamente algo como 70 por 80 metros, ou 0,56 hectares, ou um pouco maior, como 80 por 100 metros (0,8 ha). Uma família pequena é formada tipicamente por 7-8 pessoas, enquanto que uma família grande é formada por 12 a 15 pessoas. Neste último caso, estão incluídos tipicamente famílias estendidas (noras, genros, netos e netas). Em alguns casos, entretanto, famílias amigas se juntam e estabelecem roças compartilhadas, maiores, de até 2 ha.

#### *Preparo do terreno para o plantio*

As roças são normalmente feitas nas matas ciliares maduras (com grande volume de biomassa) às margens de rios ou córregos. O primeiro passo é definir a área do terreno, em braças, de acordo com a capacidade de trabalho da família. Em seguida, é feita a roçada, com foice, na qual se eliminam os arbustos e árvores de pequeno porte. Esta etapa é seguida pela derrubada, com machado, das árvores maiores. Antes de queimar, é importante realizar o aceiro, para o fogo não “esparramar”. A biomassa é deixada para secar durante 2 meses, para então proceder à queimada. Uma segunda queimada pode ocorrer após 2 semanas, se a primeira não tiver consumido toda a biomassa. Nesse caso, fazemos uma coivara antes da queima, que consiste em juntar os galhos em montes, para garantir a queima completa. Esta primeira etapa é realizada exclusivamente pelos homens.

#### *Plantio*



Com as primeiras chuvas, promove-se um mutirão, com a participação das mulheres, para realizar a capina, com enxada, que inclui a eliminação de brotos das raízes das árvores que foram cortadas. Em seguida, realiza-se o mutirão de plantio, o que inclui uma mistura de várias espécies: cultivos anuais, como mandioca, milho, arroz, feijão, abóbora, melancia, batata doce, inhame, abacaxi; cultivos semi-perenes, como banana, cana-de-açúcar. Cultivos perenes, em especial fruteiras, como laranja, limão, manga, acerola, seriguela, côco, caju, mamão, jaca, entre outras, são plantadas apenas ao redor das casas, nas aldeias. Não existe o hábito de se plantar espécies madeireiras. A roça de toco tem que ser cuidada o ano todo, se não cuidar tem coisas que podem prejudicar, como o mato e animais. Se a roça for plantada muito perto do rio, pode ser perdida devido a enchentes.

Tanto as mulheres quanto os homens, assim como crianças mais velhas, participam do plantio. Alguns cultivos são plantados de forma adensada, como arroz e milho. Outros são plantados misturados e espalhados pela roça, como mandioca, batata-doce, abóbora, banana, feijão, abacaxi. A mandioca brava planta-se para fazer farinha, e a mansa para comer. O feijão andú, o feijão-fava e o feijão-vara (também chamado de feijão caraoquê), são plantados junto a outras culturas, misturado, e servem também para proteger de pragas como formigas cortadeiras e outros insetos. Acredita-se que estes feijões ajudam a camuflar a roça, diminuindo também o ataque de animais como antas, pacas, porcos, e outros. Especialmente, se plantados nas bordas do roçado, para subirem nas árvores que circundam o roçado.

Quem toma a frente dos roçados é o homem, mas o filho (normalmente o mais velho) sempre está junto, porque no futuro poderá substituir o pai, caso este venha a falecer, ou ter problema de saúde. Os homens também são responsáveis em prover a família com carne de caça ou pescados. Já as mulheres, é de costume que se responsabilizem mais pelos cuidados à família, em especial a educação das crianças. Quando do ritual da Menina Moça, por exemplo, à mãe cabe a tarefa de preparar a jovem adolescente, para ser uma boa dona de casa (boa mãe, esposa, cuidar da família). À mãe, também cabe a tarefa de cuidar da casa, e da manutenção dos quintais em torno da casa. Elas também são responsáveis por cuidar dos animais domésticos, incluindo cachorros, gatos, galinhas e animais silvestres trazidos ainda quando filhotes da mata.

Enquanto o nascimento de crianças do sexo masculino é comemorado com muita festa, o nascimento de meninas é comemorado de forma mais tímida. Conforme a mitologia Bakairi, o urubu-rei festejava o nascimento de meninos, porque praticariam a caça, e flechadas que não matam instantaneamente, o animal morre mais para a frente, perde-se a caça, e quem ganha é o urubu. Já o nascimento de meninas significava tristeza para o urubu-rei. Ademais considera-se

que as meninas, diferente dos meninos, tem suas fragilidades, requerem mais cuidados, e o homem ajuda na proteção da família, em caso de algum ataque. O desejo geralmente é de que, no futuro, ela se case e agregue à família um “bom” genro, trabalhador, para poder ajudar na lavoura e com recursos materiais.

### *Colheita e cuidados pós-colheita*

A colheita é realizada por todos, e celebrada com festividades, como a Festa do Milho. As decisões a respeito da colheita são geralmente feitas pelas mulheres (dão a palavra final), os homens não decidem nada sozinhos. As mulheres decidem a repartição da colheita junto ao cacique, priorizando sempre o atendimento às necessidades de todos. O armazenamento e o beneficiamento da produção são tarefas tipicamente das mulheres. No passado, as mulheres cuidavam do armazenamento, escolhendo o lugar onde construir a tuia, que era uma espécie de depósito, uma “caixa” feita de madeira e palha de arroz, no rancho da roça; os grãos (milho, arroz e feijão) eram colocados ali, para conservar e proteger do ataque de animais, em especial ratos, até a próxima safra. Na medida que os grãos eram consumidos, eram levados para a casa na aldeia. Segundo os comentários dos velhos Bakairi de Nova Canãa, era comum as pessoas dormirem na roça, para protegê-la do ataque de animais. Até o final dos anos 1980, a vida dos Bakairi se resumia entre a roça, a caça, e a pesca. Hoje tem bem menos roça, os jovens tem outros interesses.

### *Economia da reciprocidade*

A economia é feita de forma cultural. Ou seja, a cultura Bakairi é que molda a nossa economia. Um princípio que norteia nossa economia é expresso pela palavra *epaigâdily*, que significa “compartilhar o que tenho”. Não existe venda dos produtos da terra, existe empréstimo. Quando falta algo na aldeia, eu empresto ou troco aquilo que tenho com o que preciso, e assim que tiver eu devolvo aquilo que emprestei. Às vezes demora, mas nunca nos esquecemos. Isto se faz com tudo, de alimentos a dinheiro. Os Bakairi são muito fiéis com o que falam, com seus compromissos. Mas isso só acontece de Bakairi para Bakairi, porque pressupõe uma relação de confiança. Fora da aldeia não acontece, é tudo comprado e vendido. Os *karaiwa* (não índios) são diferentes, tudo é vendido, se não pagar não leva nada. Este princípio, conhecido na academia pela palavra reciprocidade, configura uma característica de muitas sociedades ditas *tradicionais*, na forma como organizam os seus sistemas de troca, como descrito e analisado nos textos de Eric Sabourin (2011; 2013a; 2013b), entre outros. Ocasionalmente, vendemos nossos produtos nas fazendas vizinhas, mas somente para suprir o que falta.

### *As mudanças*

Um grande fator de mudanças se deu a partir do surgimento de fontes de renda, em meados dos anos 1990. Com o crescimento do agronegócio, aumentou a oferta de empregos para os Bakairi. Paralelamente, surgiram postos de trabalho na escola e no posto de saúde. Também foram aumentando o número de pensões a aposentados, e a pessoas que enviuvaram. Outras políticas públicas de impacto são o Bolsa Família e o salário-maternidade. Estas mudanças levaram a um aumento na circulação de dinheiro na aldeia. Funcionários e aposentados começaram a ir com maior frequência à cidade, e passaram a comprar alimentos nos mercados, ao invés de produzir. As roças tradicionais foram, aos poucos, deixadas de lado, e hoje restam apenas quatro delas, em toda TI Santana. Outro fator que contribuiu para o abandono das roças foi o aumento nos ataques realizados por porcos do mato (queixadas e caititus), cujas populações aumentaram muito nos últimos tempos. Acreditamos que este fato, que causa muitos prejuízos também aos fazendeiros da região, esteja relacionado a desequilíbrios causados pela expansão do agronegócio.

Hoje, a maioria dos jovens, que não estão mais na escola, trabalham nas fazendas vizinhas, realizando serviços gerais. Alguns aprendem, com o tempo, a dirigir tratores e a manejar máquinas. Outros dedicam-se ao cultivo de arroz e milho mecanizado na TI Santana.

Além da lavoura mecanizada de arroz (60 hectares), e um pouco de milho (10 hectares), a TI Santana produz hoje muito pouco de outras culturas agrícolas. Durante as entrevistas de campo, e durante as reuniões com os parentes, foi mencionado que a produção de outras culturas, como mandioca, batata, feijão, inhame, e abóbora concentra-se hoje nos quintais das casas das aldeias. O motivo de mudarem as plantações para perto das casas é porque fica mais fácil de cuidar, e de proteger do ataque dos bichos. Além dos porcos do mato acima mencionados, as formigas cortadeiras também provocam grandes estragos. O controle se faz, ocasionalmente, a partir de iscas para formigas compradas em casas agropecuárias (*Myrex*).

### *Lavoura mecanizada*

A lavoura mecanizada de arroz iniciou-se com o POLONOROESTE, nos anos 1980. Nos anos 1990, o PRODEAGRO fortaleceu esta iniciativa e a expandiu. Hoje em dia, a comunidade conta com 3 tratores, 1 doado pelo PRODEAGRO, e os outros 2 doados pela FUNAI. O uso do trator para arar a terra foi uma dificuldade no passado, mas hoje já temos experiência, e aprendemos a trabalhar de forma consciente, no sentido de evitar erosões, plantios na beira do rio, que poderiam levar ao seu assoreamento. Atualmente, a lavoura mecanizada representa a principal

forma de produzir alimentos na TI Santana, de forma que os Bakairi se tornaram, hoje, dependentes do arroz produzido desta forma. A destinação da produção é somente para o consumo. Contamos, também, com uma máquina beneficiadora de arroz, que foi doada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), por volta do ano 2000.

Existem, atualmente, 6 áreas de plantio de arroz mecanizado, totalizando 60 hectares, aproximadamente, cada uma delas sob a responsabilidade de uma família ou grupo familiar estendido. O tamanho das lavouras varia de 7 a 20 hectares. As famílias de Nova Canãa plantaram, em 2019, uma roça com 10 hectares de arroz, usando apenas adubo doado pela FUNAI e semente da variedade Esmeralda, o que resultou em uma colheita de 400 sacas de 60 kg, ou seja, uma produtividade de 40 sacas por hectare. No ano anterior, o plantio foi realizado sem qualquer tipo de adubo, o que resultou em produção mais baixa. A colheita foi dividida entre as 10 famílias, de forma proporcional ao tamanho das famílias. Uma parte foi guardada para fornecer sementes para o próximo ano.

Desde o início da implantação da lavoura mecanizada de arroz, temos recebido assistência técnica do estado do MT via EMPAER (Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural), que tem tido boa atuação no município. A FUNAI também nos dá orientação, que se estende para o plantio de milho e feijão, e, este ano, também para amendoim. Pensamos, atualmente, em expandir a área plantada e diversificar, para produzir outros produtos para a venda, como milho, mandioca, abacaxi, feijão, amendoim, batata, melancia e outros. A maior parte será plantada em monocultivo, mas pensamos em fazer, em parte, plantios consorciados (com mais de uma espécie). Os técnicos da EMPAER têm nos estimulado ao plantio de sistemas agroflorestais (SAFs), nas áreas mecanizadas, utilizando também o café como cultivo comercial.

O plantio de SAFs implica em uma série de vantagens ecológicas, quando comparado a monocultivos, principalmente em função do aumento na agrobiodiversidade (Miccolis et al, 2016; Altieri, 2008). O fato de incorporarem árvores ao sistema de produção também traz benefícios à saúde e à conservação do solo, e por ajudarem na restauração de beiras de rios e nascentes.

Muitos de nós já temos ciência de que a expansão das áreas cultivadas na TI Santana traz pontos positivos e negativos, estamos conscientizando os mais novos que existem estes dois lados. Para isso, o que estamos fazendo é investir em conhecimento, e procurando outras alternativas

melhores, para que tenha na comunidade meio de se produzir alimentos saudáveis e ecologicamente corretos.

### *A roça tradicional e as riquezas naturais do Cerrado*

A roça de toco sustentou o povo Bakairi por muitos anos e ainda continua a sustentar. A roça de toco é importante porque nela a produção é mais natural e segura. Neste sistema, não se usava adubo químico, e nem veneno, mas atualmente está cada dia mais diferente, devido a este processo de mudança. A vida dos nossos avós sempre esteve ligada à roça, e a sobreviver com o que se planta nas pequenas e grandes roças. A mudança que veio com as máquinas agrícolas, introduzida pelo Governo (FUNAI), ajudou muito mas prejudicou muito também, porque para fazer uma plantação diferente, é preciso um tipo de conhecimento, que os brancos chamam de conhecimento agrônômico. Boa parte destes conhecimentos nossos velhos já sabiam, mas estes conhecimentos do homem branco são voltados para o mercado e também para o capitalismo, visando o lucro, e isso não faz parte da visão do índio. O que precisamos é ter alimento para consumo, e isso foi o orientou sempre as nossas ações. A globalização realçou algo que nos últimos anos vem mudando drasticamente a situação.

A influência dos *karaiwa* na agricultura foi, de certa forma, até boa. A diferença que existe entre o sistema do branco e o sistema tradicional Bakairi é que o índio sempre prioriza a sua casa, os alimentos para o seu sustento. Já o *karaiwa* não, ele plantar para ganhar dinheiro, tudo o que o branco faz é para ganhar dinheiro. Para nós, isso traz mudanças. O contato com este pensamento capitalista, o encontro destes dois mundos, trás o choque cultural para as populações tradicionais, não somente para os indígenas, mas também para outras populações tradicionais. Seja ela negativa ou positiva, o contato com a sociedade envolvente traz sempre mudanças. Tem sido assim na agricultura, quando buscamos alternativas para suprir as necessidades básicas da questão de sobrevivência. O surgimento das lavouras mecanizadas nas fazendas e a escassez dos animais e pássaros que servem de suprimento na alimentação, especialmente o peixe, levou as pessoas a buscarem outras alternativas para alimentação, e também para conseguir recursos para comprar materiais de primeira necessidade.

Os Bakairi são um povo do Cerrado. A nossa terra é composta por riquezas múltiplas: nascentes de água pura; florestas, ainda que concentradas nas matas ciliares; frutas do Cerrado como o buriti, o pequi, a jabuticaba do cerrado, entre outras; plantas medicinais, entre outras riquezas naturais. O uso do território tem muito a ver com o que o Cerrado produz. Grandes rios amazônicos nascem na nossa terra. Existe muita caça, como porcos, veados e outros animais

que os Bakairi comem. Estes animais são caçados nos períodos em que se pode; os Bakairi não caçam nos períodos em que estão na fase de reprodução. Tudo é calculado. Os calendários Bakairi tem a ver com os cantos dos pássaros, com as estrelas, e é também baseado nos meses do ano. A madeira está nas matas ciliares, onde também são realizadas as roças tradicionais. A região do Cerrado é muito rica em biodiversidade. Existem cerrados grandes e também pequenos, que nós Bakairi chamamos de *iakadu* e *arore*, respectivamente.

### **3.2 Modos de vida Bakairi**

O Povo Bakairi, apesar de acumular tantos anos de contato com a civilização ocidental, preserva a sua cultura, suas danças e a sua língua. Vive em casas cobertas de palha de buriti e paredes de barro. Cada família tem sua própria casa. Dormimos em redes e nas noites frias acendemos o braseiro para aquecer a casa. É comum colocarmos brasas embaixo das redes para nos aquecermos, durante as noites frias dos meses de junho e julho.

Mas, atualmente, alguns estão mudando a forma de dormir, usando a cama. As casas estão sendo cobertas de *eternit* e telhas de barro. A principal justificativa é que os buritis estão ficando escassos e também longe para tirar. Para trazer para a aldeia, falta o transporte e combustível.

A alimentação é variada. Gostamos muito de arroz, mandioca, batata, milho, peixe e carne de animais selvagens como a anta, porco-do-mato, veado, tatu, peixe e frutas para cada época do ano, especialmente o pequi do cerrado. Precisamos complementar a alimentação com produtos industrializados, porque a caça e a pesca diminuíram muito devido ao avanço do agronegócio em torno da reserva indígena, e outros fatores como o impacto do agronegócio na própria natureza. O agronegócio veio sem dúvida para destruir o meio ambiente, e as nascentes correm o risco de secarem. O Cerrado, onde hoje se planta muito, pode virar um deserto nos próximos anos, e isso tem sido uma das grandes preocupações da nossa comunidade. Isso irá prejudicar as futuras gerações. O grande desafio nosso é poder conciliar todas estas coisas, porque também sofremos com a falta de renda nas nossas aldeias.

O Povo Bakairi gosta muito de festa. Algumas de nossas festas tradicionais são: a Festa do Milho, a Festa da Menina-moça, e a Festa das Máscaras, que sempre acontecem nos meses de janeiro a julho. A Festa da Menina-moça não tem data. Quando tiver uma menina reclusa, todos da aldeia sabem que vai ter festa.

As crianças Bakairi vão para a escola, e nas horas de folga brincam bastante, mas também ajudam os pais em pequenas tarefas domésticas. Desde pequenos, aprendemos a lavar a própria roupa no rio, vamos às roças e participamos das caçadas com nossos pais.

O desafio atual é produzir alimento suficiente para alimentar as famílias Bakairi, sendo que cada dia está mais difícil. Por isso, precisamos de parcerias junto aos governos municipal, estadual e federal. A FUNAI e a Empaer, que é um órgão ligado ao estado do MT, vêm dos ajudando com o que podem, dando assistência nas pequenas lavouras da aldeia.

Outro elemento introduzido na cultura Bakairi, a partir do contato com o Karaiwa, foram os instrumentos musicais. São muito usados nas tradições cuiabanas até os dias atuais, como a viola de coxo, um tipo de viola de 4 cordas feito da madeira *ximbuwa*. As cordas eram feitas normalmente de tripas de animais como macaco e quati, e as árvores *ximbuwa* ficam normalmente nas margens das matas ciliares dos rios, que banham a Bacia do Prata. Outro instrumento é o ganzá, um tipo de reco-reco feito de taboca. Estes instrumentos são usados nas festas de Santos, nos meses de junho, diferente das festas que os Karaiwa chamam de festa junina. Entre os Bakairi não há quadrilhas, com pipoca, quentão e casamento caipira. Durante essa pesquisa, conversando com Anizio Inewâ, meu tio, e um dos anciões da aldeia Santana, soube que a introdução destes instrumentos se deu a partir do contato com pessoas dos países vizinhos Bolívia e Peru, cujo instrumento musical é chamado de *xarango*, um tipo de violão muito usado por eles. A viola de coxo é uma réplica daquele instrumento. Agradeço muito o depoimento de Anizio. Foi as últimas palavras que tive com ele. Algumas semanas depois ele faleceu devido a um infarto fulminante que o levou, durante a fala dele com outra pessoa.

Segundo o Cacique Jair, da Aldeia Nova Canãa, meu sobrinho, os anos 1960 aos anos 1980 foram fortes no sentido de serem mais devotos deste tipo de festas. As pessoas participavam mais, era o acontecimento do ano, mas com a modernização as coisas vão mudando, e com chegada da energia veio também a televisão, a antena parabólica, a TV a cabo, e a internet via satélite, tudo contribuindo para que as festividades deixassem de ser tão atraentes.

As danças culturais tem sido resgatadas, mas também com uma certa dificuldade, devido o trabalho dos homens nas fazendas. A realização das festas de Santos, como Santo Antônio, São João, e São Pedro, assim como as adaptações para a realidade local, foram mudando também com o passar do tempo. Um dos fatores que enfraquecem a realização destas festas é a carência de alimentos como batata-doce, mandioca e feijão, pois é preciso ter alimento suficiente para

alimentar todas as pessoas presentes. Segue abaixo o calendário agrícola e social (incluindo festas) Bakairi (Tabela 1):

Tabela 1 - Calendário agrícola e social da comunidade Bakairi da TI Santana:

| Meses/atividades                             | Jan | Fev | Mar | Abr | Mai | Jun | Jul | Ago | Set | Out | Nov | Dez |
|--|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| Fazer artesanatos                            | X   | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Fiação de algodão                            | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Festa do milho                               |     | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Colheita do 1º arroz da roça tradicional     |     |     | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Colheita de frutas silvestres (pequi e caju) | X   |     | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Temporada de pesca                           |     |     | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Festividades da Semana Santa                 |     |     |     | X   |     |     |     |     |     |     |     |     |
| Colheita do arroz                            |     |     |     | X   | X   |     |     |     |     |     |     |     |
| Preparo da roça 1º ano                       |     |     |     |     | X   | X   |     |     |     |     |     |     |
| Festas de Santo Antônio e São João           |     |     |     |     |     | X   |     |     |     |     |     |     |
| Mês das frutas e dos animais                 |     |     |     |     |     |     | X   |     |     |     |     |     |
| Festas de Santana                            |     |     |     |     |     |     | X   |     |     |     |     |     |
| Queimadas                                    |     |     |     |     |     |     |     | X   |     |     |     |     |
| Construção e reformas das casas              |     |     |     |     |     |     |     | X   | X   |     |     |     |
| Bater timbó no rio para pescar               |     |     |     |     |     |     |     |     | X   |     |     |     |
| Preparar roça de 2º e 3º anos (roçada)       |     |     |     |     |     |     |     |     |     | X   |     |     |
| Plantio nas roças                            |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     | X   |     |
| Colheita de sementes da mata                 |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     | X   |     |
| Produção de farinha                          |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     | X   |     |
| Festividades de Final de ano                 |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     | X   |

Fonte: Autor

Eu faço parte de família de agricultores Bakairi, tive o privilégio de crescer cultivando a roça com meu pai e meus avós, que tinha orgulho de poder ter alimentos através do trabalho, a roça



era uma fartura tinha de tudo, cresci vendo tudo isso e acreditando que realmente se trabalharmos temos tudo em casa. O calendário da comunidade se organiza assim:

**Janeiro:** momento de estar em casa período da chuva durante estes dias chuvosos as pessoas se concentram na produção de artesanatos.

Figura 5 – Avanir tecendo rede



As Mulheres tecem as redes que é feito de algodão e são feitos tudo manualmente são colocadas duas madeiras que é especial para esticar os fios que se tornarão rede nós o chamamos de cedrinhos uma madeira leve porem resistente.

A rede para o Bakairi e um símbolo da resistência também faz parte da nossa identidade cultural, através da rede que é feito a cerimonia de casamentos na cultura Bakairi.

Figura 6: Fuso de fiar algodão



A fiação do algodão é feita por um instrumento chamado de *tâwâreko*, tipo de ferramenta que tem uma vara com uma roda de Madeira com diâmetro de 5 a 10 centímetros na ponta, que tem como finalidade dar a velocidade para poder girar quando acionado com a mão, rolando sobre a coxa para rodar podendo assim fiar o algodão, e na medida que isso for acontecendo vai formando uma bola de fios de algodão chegando a formar bolas de fios quando chegar a ter duas bolas ou mas, pode já se formar uma rede.

Figura 7 – Planta de algodão na roça do Jairzinho



**Fevereiro:** realiza-se a Festa do Milho e colheita das verduras das roças tradicionais Bakairi, como milho fofo e um milho muito especial usado para fazer fubá, farinha de milho, a gente chama de milho fofo porque é um milho que tem muito fubá em Bakairi e (kurâ) significa nos, ou pertence a nos. A planta de melancia naturais e muitos outros que nós chamamos de primeira safra, aquele que vem primeiro para socorrer a alimentação, normalmente se faz assim planta aquela que pode produzir primeiro em pouco tempo para ter alimentos que demoram mas assim nunca falta nada.

**Março:** mês das frutas silvestres, dos peixes, colheita da primeira plantação de arroz tradicional, neste período tem muitas frutas do cerrado e também nas matas as seringueiras começam a arrebentar as conchas para liberar as sementes e os peixes gostam de comer a Matrixã especialmente, um peixe nobre da água doce, e como se fosse o salmão.

**Abril:** e o mês das atividades da aldeia e do povo Bakairi uma delas e a semana santa dos Bakairi com atuação dos Missionários católicos e protestante estiveram presente entre os Bakairi no passado, deixam alguns tipos de costumes que o Bakairi adaptou para suas

realidades, com o passar do tempo também vem mudando e a semana santa dos Bakairi é isso, naquela semana que antecede a data que normalmente seguem calendário nacional, eles se preparam para não fazer nada durante uma semana eles pescam, buscam lenhas, alimentos da roça e tudo que tem direito, e no dia não fazem nada e falam poucos até esperar o sábado, aí tudo é liberado para as crianças que desobedeceu na sexta feira, passa se o ranhador no corpo depois passar remédios como purificação, mas na verdade vale como advertência. No dia 19/4 é festejado o Dia do Índio, que já faz parte do calendário municipal onde as escolas e visitantes vão para aldeia e tem apresentações culturais na aldeia central Santana. Abril é um mês de muitas atividades e eventos culturais nas aldeias centrais como Santana e Pakuera aldeia que fica no município de Nobres e Paranatinga.

**Mai:** dia do trabalhador, começo de preparar a roça tradicional e termino da colheita do ano anterior.

**Junho:** término de preparar a roça tradicional dia 12 a 13 festas de Santo Antônio e dia 23 e 24 festas de São João, uma das maiores festa que se tem na aldeia nestes dias se faz bolo de Arroz hasteamento da Bandeira cururu e bailes contratam Bandas regionais para animar a festa.

**Julho:** mês das frutas, dos animais, 22 a 23 festas Santana em homenagem a uma Santa nossa Senhora Santana que dizem ser padroeira da aldeia. Foi decretado por um antigo cacique Acelino Ayumare, que era devoto dela e continua até nos dias atuais.

**Agosto:** dias 24 dias de queimar a roça tradicional e reformas das casas e novas construções, acontecem nesse mês por ser um mês que não chove e também, seco podendo buscar as palhas de Buriti para cobrir as casas.

**Setembro:** Mês de bater timbó uma pescaria muito usada entre o povo Bakairi de Santana, e dia 27 é o aniversário da escola da aldeia Santana.

**Outubro:** preparo das roças e aniversário da associação yemâryry da aldeia Santana dia 12 dia das crianças que acontecem nestes períodos existem muitos movimentos na aldeia.

**Novembro:** mês de plantar a roças e também das colheitas das sementes de tucum, buriti, navalha e de outros para serem semeadas nos lugares onde poderão nascer e continuar para as próximas gerações, e também podem ter seus armazenamentos para fazer artesanatos e também guardadas para quando precisar ter. Também e o mês de se fazer farinhas de mandioca para passar o período chuvoso.

**Dezembro:** mês de plantar a roça férias dos alunos e professores indígenas e momento de reflexão, festividades de Natal e Ano Novo na aldeia e também dias de muitas chuvas.

O calendário do povo Bakairi vem funcionando assim por muitos anos tive o privilégio de passar a minha infância fazendo tudo isso que citei acima, mas as grandes mudanças aconteceram foi do Karaiwa eles trouxe para dentro das aldeias pontos positivos e negativos.

O que, mas se planta na roça comunitária e milho e Mandioca, melancia feijão fava. Mas o principal e o milho e vários qualidade de milho fofo, e dela que se tira fubá para fazer pirão de peixe e mingau para as festas tradicionais, que normalmente e comemorado no final da colheita do milho que até nos dias atuais se faz, chamamos isso de Batizado do milho em Bakairi e (an'hain itabienli). Para tanto, separei o texto abaixo, escrito por meu cunhado Kaiua:

### ***A história da festa do batizado do milho***

*Por: Fernando Rodrigues Kaiua – Bakairi (in memoriam)*

*Na festa do batizado do milho sempre há um homem como chefe. Ele fala com todos para prepararem suas matulas com beiju e farinha para uma caçada. Quando eles estão preparados saem em três turmas, cada uma com seu chefe. Depois, quando saem um pouco, e chegam em bom lugar, fazem uma barraca. Neste local caçam todos os bichos até terem bastante carne. Depois que tem bastante caça como querem, voltam para suas casas. Quando chegam em casa, no sábado seguinte todo mundo vai à roça buscar milho para jogar. Depois disto, quando está perto de noite, começam a dançar até domingo cedinho. Quando está amanhecendo, todos se reúnem perto da casa do chefe da festa. Depois quando todos estão reunidos, cada um procura seu ajudante para trocar comida. Após tudo isto, o ajudante vai distribuir o milho assado a todos. Quando tudo é distribuído, eles fazem uma só fila em frente da casa olhando para o leste- lado onde o sol nasce. Todos os homens e mulheres fazem assim. Então tocam uma flauta. Depois de tocar a flauta, todos mastigam um pouco do milho assado. Ai jogam o milho ao mesmo tempo. Primeiro, jogam para onde o sol nasce, em agradecimento ao Deus sol (tixi) depois para o norte, de onde vem a chuva que rega a terra e dá boas plantações, em seguida onde o sol se põe, significa que dias melhores virão nos próximos anos, e para finalizar onde vêm as friagens, simbolizando refrigerios e boas e sabedorias*

*que vem de lugares diferentes, e poderão ajudar dando sabedoria nas plantadas nos próximos ano. Depois dessa cerimonia partem para a segunda parte que é Jogar o milho, por cima das casas um tipo de brincadeira mulheres jogas nos homens e homens jogam nas mulheres, e a regra é passar por cima da casa, e as pessoas tem que fazer de tudo para não ser atingidos, porque se for atingido acredita-se que fica azarado o ano inteiro, tudo que faz nunca vai dar certo. Na continuidade da festa vão repartindo a comida para todo que estiver presente eles servem entre si primeiro depois a todos, Após comerem toda a comida, os donos das panelas que chama de ajudante, vai dar em troca ela (agradecimento) qualquer coisa, como: fosforo ou flechas quando termina tudo isto, acaba a festa.*

Figura 8 – Roçado do Seu Antônio com abóbora, feijão, batata-doce, e outros



A roça de Seu Antônio mede 70 metros de largura por aproximadamente 80 metros de comprimento como podemos ver nesta roça se planta de tudo: Batata, inhame abobora, melancia, feijão Fava, amendoim, Mandioca, Banana, feijão andu, melão, algodão milho fofu tudo juntos, não existe separação para uma planta só.

Este tipo de roças do povo Bakairi, fez com que por muitos anos controlava os ataques dos animais e pássaros que comem as plantações, por plantarem tudo que no conhecimento dos

karaiwa dizem ser agro florestas, acredito que este tipo de plantação controla as pragas porque são plantas que de certa forma enganam os animais e os pássaros levam muitos dias para eles descobrirem que aquela planta é boa para se comer quando descobrem já está no fim da colheita, uma dela e isso, por outro lado também o cheiro de algumas plantas afastam os insetos e pássaros que prejudicam as roças.

Quem cuidava das roças para os pássaros não comerem eram os meninos. Os pássaros comem de manhã e a tarde somente, em horários certos. A chegada da escola na aldeia mudou muito a rotina da aldeia e do povo, porque o calendário escolar nunca foi adequado a realidade das escolas indígenas, apesar de existir uma lei que adapte o calendário escolar à agenda das aldeias. No nosso caso, entretanto, a escola é municipal, e o currículo escolar aplicado é o mesmo para toda a zona rural, e não existe escola diferenciada. Isso vem prejudicando os alunos, que antes tinham uma rotina diferente.

Isso vem mudando a rotina dos pais também. Durante este período, outras coisas foram surgindo, e assim as roças de teco foram sendo menos cultivadas na aldeia.

Figura 9 – Roçado do Jairzinho com mandioca, banana, abóbora, batata-doce, e outros cultivos



Nesta roça vemos a plantação de banana, e junto temos a mandioca, o que os Karaiwa chamam de Agrofloresta, este sistema de plantar várias coisas junto, é cultivado pelos indígenas a milhares de anos, mesmo sem ter conhecimento científico e transmissão por escrita. Os indígenas têm a ciência de que a Natureza é renovável por si só, e tem sobrevivido por milhares

de anos. A agrofloresta não é uma descoberta de um agrônomo, ou um cientista conhecedor do assunto. Os escritos de Miguel Altieri (2008) confirmam isso. Um sistema agroflorestral é um sistema de cultivo de alimentos que combina espécies agrícolas com o componente arbóreo. É sustentável, e ainda faz a recuperação de uma floresta.

Cresci na roça. Meus pais sempre gostavam de fazer a roça, e nos meses de fazer a farinha ficávamos direto lá. Cultivavam a roça por três anos no máximo. Durante estes anos, tudo que se plantava produzia bem, especialmente mandioca, batata-doce, banana, cana, e abacaxi. Depois deste período deixavam o lugar e trocavam por um outro. Os mais velhos diziam que este período era para a roça descansar. Depois de um mínimo de cinco anos, o lugar onde havia sido roça já estava pronto para se fazer a roça novamente. Isso tem acontecido até nos dias atuais, e mostra que a roça praticada pelos Bakairi é renovável, pois trabalhamos com isso desde os nossos antepassados.



## **CAPÍTULO 4 - PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE DA TI SANTANA: POSSÍVEIS CENÁRIOS FUTUROS DE USO DE SEU TERRITÓRIO E GERAÇÃO DE RENDA**

Este capítulo tem como objetivo analisar a percepção da comunidade da TI Santana a respeito de possíveis cenários futuros de relação com a terra e com o território, da paisagem e das formas de geração de renda. A abordagem utilizada se baseou em entrevistas abertas e informais com vários de meus parentes, incluindo lideranças, mulheres e homens de diferentes faixas etárias. Em particular, destaco o relato da reunião com moradores da TI Santana realizada em Setembro de 2019, cujo objetivo foi discutir questões relacionadas ao uso do território e geração de renda. Em seguida, apresento e discuto os resultados de um exercício de percepção coletivo, do qual participaram 30 Bakairis, com visualização lúdica sobre como seria nossa vida na T.I. Santana daqui a 20 anos: a paisagem, e a agricultura, e formas de ganhar a vida. Os participantes foram encorajados a refletir sobre o que desejam no futuro, como seria uma visão de futuro repleta de felicidade para a TI Santana, expressa pelo conceito *Koendâ kidawâli*, conforme discutido ao início do Capítulo 2. Esta seção é complementada com alguns relatos de anciões da TI Santana. O Capítulo é concluído com uma análise de vantagens e desvantagens do uso da agricultura mecanizada na TI Santana, na qual discuto também a adoção de um modelo misto, incorporando o conhecimento tradicional e alguns princípios da agricultura tradicional Bakairi, como a agrobiodiversidade e o trabalho coletivo.

### **4.1 Reunião de moradores da TI Santana sobre agricultura**

O relato aqui apresentado segue nos moldes de meu trabalho de pesquisa, ou seja, de pesquisa participativa, que é a forma como os Bakairi vivem hoje: participação nas reuniões, viagens de carro (muitas vezes de carona). Nestes momentos, tive boas oportunidades de dialogar sobre o tema da minha pesquisa. Em seguida apresento os resultados de uma das reuniões da aldeia Santana, realizada com o objetivo de discutir possíveis cenários futuros de relação com o território e geração de renda na TI Santana.

A reunião contou com a participação das comunidades das aldeias Nova Canãa, Igui'io (Quilombo), além da comunidade da aldeia Santana. Os participantes eram, em sua maioria, pais de família, sob a coordenação do Zezinho, que é também presidente da Associação Yemâryre. Participaram por volta de 30 jovens, com idade entre 12 e 35 anos. O cacique Arnaldo também participou da reunião. De minha parte, participei na condição de presidente da Associação AKUDO, da aldeia Nova Canãa, e também como mestrando do MESPT/UnB.

O tema central da reunião foi expor e discutir o atual momento da agricultura Bakairi, assim como os desafios que a mesma vem enfrentando. Zezinho, em sua fala, discorreu sobre as mudanças pelas quais a vida dos Bakairi vem passando. O tema foi ouvido pelos participantes, gerando considerações de que não conseguiremos mais voltar atrás, de que já aprendemos a viver essa vida moderna. O que temos que fazer é adaptar as nossas realidades, sem abrir mão de nossa identidade.

Algumas mulheres também se manifestaram sobre o que estavam vendo e sentindo. As falas foram complementadas pelos relatos das pessoas presentes no encontro de agricultores indígenas, organizado pelo povo Pareci no município Campo Novo dos Parecis, de 8 a 10/2/2019. Parte das falas salientou uma reflexão de que os Parecis têm muita terra, um milhão e quatrocentos mil hectares, e que não dá para comparar com a extensão do território Bakairi de Santana. Os caciques disseram que se chegarmos a plantar em uma escala maior, faremos isso de uma forma pensada, com sabedoria. Por isso, temos a FUNAI e os órgãos competentes nas questões ambientais, para fazermos tudo dentro da legalidade. A reunião foi se mostrando proveitosa, correspondendo às expectativas. A reflexão dos que visitaram a TI dos Parecis foi fundamental para pensarmos e discutirmos o futuro.

A reflexão dos 30 jovens presentes foi de que, no futuro, vamos ter vidas diferentes, a cultura vai estar melhor. Não precisaremos mais procurar trabalho nas fazendas, se começarmos a trabalhar para nós mesmos, criando alternativas de alimentos, como por exemplo criação de peixes. Podemos buscar parcerias e plantar também culturas como milho, soja, feijão, banana e outros cultivos, adaptados à agricultura familiar indígena.

Acreditam que poderá haver mudanças, porque o momento da aldeia está cada dia mais difícil. Disseram também que é preciso muito diálogo, porque uma vez que entra dinheiro, começa também a ter problemas.

Das pessoas presentes, com a idade de 35 a 50 anos, já há mais cautela, quando assunto é agricultura mecanizada e de grande escala. Isso porque tem os lados positivos e negativos. O lado positivo é que a expansão da agricultura mecanizada realmente vai trazer melhoria de qualidade de vida e geração de renda, o que hoje é uma dificuldade para as pessoas que moram na aldeia, uma vez que na aldeia tem o consumo, temos que pagar a energia. Alguns já tem internet via satélite, TV a cabo, motos e carros. Tudo isso gera gastos, e as pessoas que adquiriram estes bens não irão mais voltar atrás, até mesmo porque estes bens se tornaram, em grande parte, necessidade, não é mais luxo.

Já as pessoas com mais de 50 anos, incluindo o cacique Arnaldo, tem um discurso de que o futuro será o que as novas gerações decidirem, do tipo “Agora o futuro está em suas mãos; o futuro da aldeia e do povo”. Eles sentem que não cabe mais a eles lutar por dias melhores, porque na visão deles, o tempo e os outros não faz mais parte do contexto deles, e preferem ficar só ouvindo, e na medida do possível dar conselhos. Nas suas falas, contam somente as histórias de vida. O cacique Arnaldo lembrou do tempo que estiveram entre o povo Pareci, em meados dos anos 70, e também da época da borracha, nos anos 80. Os passos que seguiram até o momento, a saída dos trabalhadores para as fazendas, surgiu devido a necessidade de comprar alimentos. Ele também lembrou da fala de muitos indígenas presentes no primeiro encontro de agricultores indígenas em Campo Novo, aldeia Bacaval, que as palestras na reunião foram proveitosas. E falou o que houve na reunião, que o encontro abriu a visão de trabalho, que é preciso realmente o diálogo e terminou agradecendo a todos que participaram.

Eder, que é um jovem responsável pela agricultura na aldeia, e também um dos responsáveis pelas máquinas agrícolas na aldeia, falou dando informação de como sentiu quando foi visitar a aldeia do povo Pareci, de que a visita deu oportunidade a ele de participar do encontro de agricultores indígenas na Aldeia Bacaval. Ele disse o que o viu e ouviu, durante os dois dias, sobre o quanto foram importantes aqueles dias. O que mais chamou atenção dele no encontro foi ouvir a fala dos líderes sobre a superação do povo Pareci. E falou também da sua preocupação com as crianças, com as gerações futuras, das grandes mudanças que vem acontecendo, e também que a falta de ter renda na aldeia tem prejudicado muitos jovens: “Atualmente estamos vivendo como os Pareci viviam antes; aqui saímos cedo, e só voltamos a noite; e, muitas vezes, corremos o risco de cair na estrada, de atropelar antas, sem falar no prejuízo à saúde”.

As perguntas foram feitas: “E agora, o que vamos fazer?” A única resposta, que falamos, foi de ficarmos atentos sobre a regulamentação, do que é preciso fazer e do que pensar sobre a agricultura.

Também refletimos sobre os processos que caminharam até aqui. E a demanda que temos de pensar sobre o futuro. A importância da Funai, como órgão responsável pelos indígenas, de que é preciso que ela esteja ao nosso lado. Sobre as nossas ideias, temos que perder o medo, e lutar pela nossa proposta.

Vamos conversar, temos que dialogar, temos que nos unir para poder abraçar as ideias. A união tem que estar acima de tudo.

Zeinho falou que é preciso ter confiança e ajuda, que os Bakairi que saíram não voltaram mais, esqueceram totalmente da aldeia. Fizeram isso, talvez por não acreditar no futuro na aldeia.

Eu falei sobre minhas ideias de como temos que trabalhar para o futuro das gerações, reforçando o que já tinha sido falado, de que os Bakairi precisam dialogar mais, ter união porque a coletividade é fundamental no processo que está sendo pensado. Falei também que é importante reunir com a FUNAI, e esperar as notícias que vem de Brasília.

Silvio, que é um dos agentes de saúde, lembrou da importância de termos dinheiro e imposto, e também da importância de termos um prefeito que nos apoie, porque quando começarmos a produzir, o nome do município vai correr o mundo, e que a divulgação para o município será importante.

Assim, a reunião de informação chegou ao seu final às 12:35 horas, e foi falado que em breve teríamos outras reuniões, e que isso deve ser fortalecido.

Na minha avaliação, a sustentabilidade das ações do povo Bakairi passa hoje por mudanças, devido à falta de incentivo por parte da FUNAI, que nos últimos anos ficou muito fraca. Nós, Bakairi, que vivemos no Cerrado, se não fosse nossa criatividade, teríamos passado fome. Mas as experiências vividas têm nos salvado. Uma delas foi de sair para as fazendas, e trabalhar como diaristas, para poder comprar material de primeira necessidade, como alimentos.

Quanto ao pensamento de plantarmos lavoura mecanizada, não sou contra, desde que trabalhemos dentro dos cuidados, de forma que não venhamos a destruir o meio ambiente, as nascentes, e os lugares sagrados, porque como vejo, a comunidade Bakairi da Terra Indígena Santana sabe lidar bem com a situação, aprendeu a viver bem entre estes dois mundos, e o que precisamos mesmo, é ter orientação adequada.

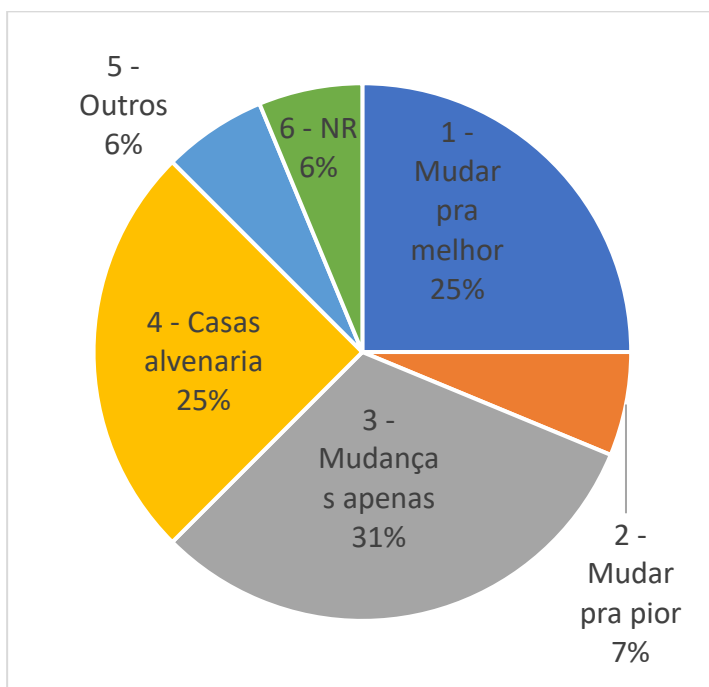
#### **4.2 Percepções: possíveis futuros**

Apresento aqui os resultados da pesquisa realizada na aldeia Nova Canãa da TI Santana, que se baseia na percepção dos residentes desta aldeia sobre os possíveis cenários, para a TI Santana, daqui a 20 anos. O total de participantes foi de 30 pessoas. Participaram pessoas entre as idades 10 a 64 anos, a maior parte mais jovens, e de ambos os sexos. Neste sentido, foi realizada uma reunião para que expressassem os seus pontos de vista, como se estivessem sonhando. Uma música foi colocada, e todos refletiram durante alguns minutos sobre suas vidas hoje e como seria no futuro. Pedi que visualizassem a paisagem e a vegetação da TI Santana no futuro: que

tipo de transformações aconteceriam? Como seria a agricultura, e sua relação com as matas? As pessoas viveriam de quê? Como seria o uso do território? Quais as principais atividades relacionadas à terra? Em seguida, mostrei os caminhos de como seriam feitas as reflexões, e pedi que respondessem as 5 perguntas do questionário em folhas de papel, e que as entregassem no dia seguinte para mim. No entanto, apenas 16 indivíduos do total de 30 que participaram do exercício, responderam os questionários.

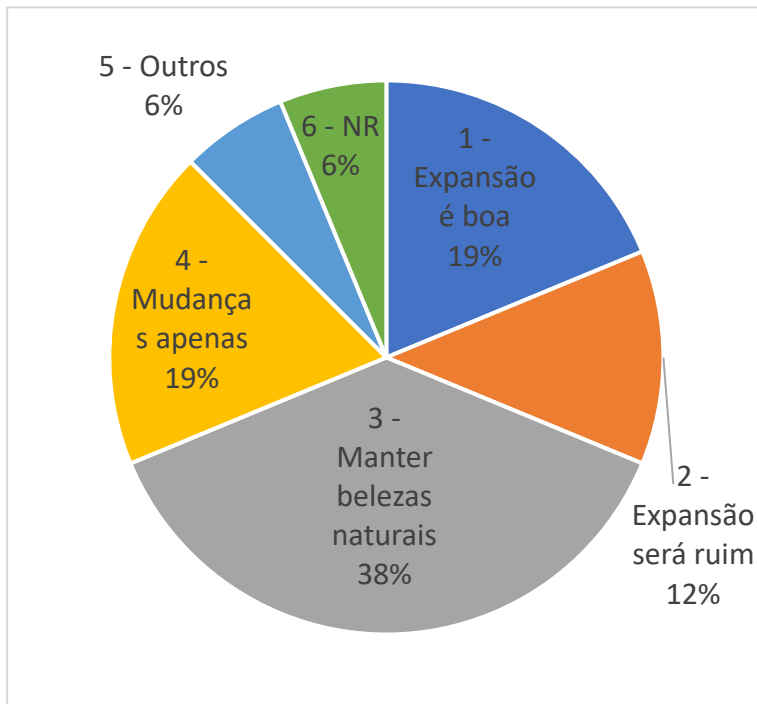
Os resultados para cada uma das 5 questões são apresentados e discutidos a seguir. Dado que as perguntas são abertas, obtive uma grande variedade de respostas. Para fins de ilustrar a diversidade de percepções, de forma também quantitativa, optei por classificar as respostas por tipologias.

Gráfico 1: Como vê a TI Santana em 20 anos ?



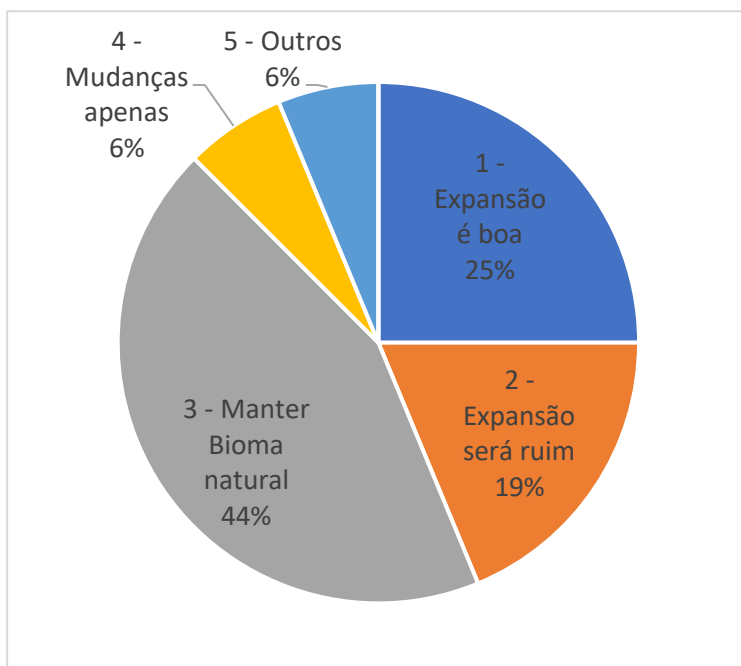
Para esta primeira pergunta - Como vê a TI Santana em 20 anos? - a maioria das respostas foi no sentido que haverá mudanças significativas, porém sem detalhar que tipo de mudanças esperam (31%, ou 5 respostas). Logo em seguida, aparecem empatadas as percepções de que haverá mudanças para melhor, e de que haverá um aumento no número de casas de alvenaria, denotando progresso material (25% cada, ou 4 respostas). “Mudar para pior”, “outros” e “não respondeu”, obtiveram 1 resposta cada, ou 6%.

Gráfico 2 – Como será a paisagem ?



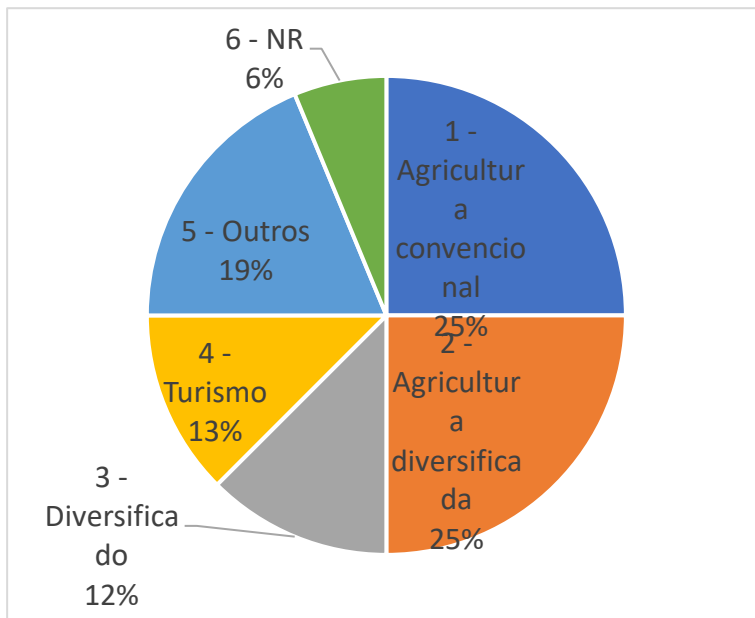
Para a 2ª pergunta - Como será a paisagem ? – A maior parte dos participantes disse acreditar que as belezas naturais presentes na paisagem da TI Santana serão mantidas daqui a 20 anos (38%); 19% acreditam que a expansão da lavoura mecanizada será positiva para a comunidade, enquanto outros 12% acreditam que será ruim; 19% responderam que a paisagem irá se alterar, sem especificar, no entanto, que tipo de mudança ocorrerá.

Gráfico 3 – Como será a vegetação?



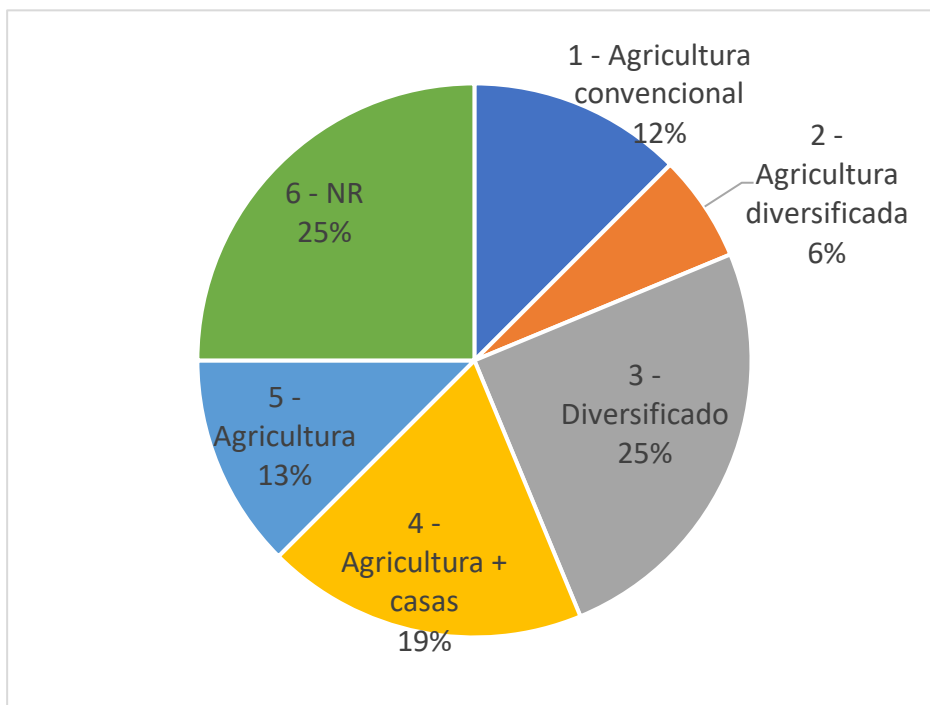
No que toca a 3ª pergunta – Como será a vegetação? - 44% dos participantes acredita que o Bioma Cerrado será mantido em sua total ou quase total integridade, daqui a 20 anos; 25% acreditam que haverá expansão da lavoura mecanizada sobre a vegetação nativa, e que isso será positivo, pois trará ganho material; outros 19% acreditam que a expansão será negativa.

Gráfico 4 – As pessoas irão viver do quê ?



Para esta 4ª pergunta – As pessoas irão viver de quê ? – houve empate entre o número de pessoas que acreditam que a principal fonte de renda para daqui a 20 anos será a lavoura mecanizada em monocultivo, tal qual é realizada hoje em dia, e o número de pessoas que acreditam que os Bakairi irão diversificar os cultivos, incluindo plantações culturas como batata-doce, abóbora, café, e feijão, entre outras (não pude, entretanto concluir que o modelo de produção será consorciado, ainda que, aparentemente, alguns membros da comunidade já estejam abertas para experimentar com sistemas de produção mais sustentáveis, quando comparados aos monocultivos mecanizados de arroz e milho, sistemas estes que vem sendo incentivados pelo técnico da ENPAER); outros 12% acreditam que a renda será obtida a partir de fontes diversificadas (ex: lavoura mecanizada, roçados e salários como trabalhadores em outras atividades, além de artesanato). Outros 13% acreditam no potencial do artesanato e do turismo, como fontes de renda.

Gráfico 5 – Que formas de uso da terra predominarão ?



Para esta 5ª e última pergunta - Que formas de uso da terra predominarão ? – a maior parte dos participantes (25%) acredita que haverá uma diversificação nas formas de uso da terra, como agricultura, criação de animais, sistemas consorciados e casas, empatado com outros 25% que não responderam; outros 19% acreditam que prevalecerão investimentos em agricultura, combinados com investimentos em casas. A predominância será uma combinação entre uso agrícola e expansão no número de casas.



Figura 10 – Colheita mecanizada em uma lavoura de arroz



Figura 11 - Lavoura mecanizada de milho



### *Entrevista com o Sr. Palmiro*

Durante as conversas com o ancião mais velho da aldeia, Senhor Palmiro, foi muito marcante para mim sentar em baixo das mangueiras, e também durante as atividades da aldeia, assim como nos momentos de reflexão sobre a aldeia, e as histórias de caçada quando ele era jovem. Durante os jogos de futebol, pude ouvir os velhos e também os jovens, sobre as grandes mudanças que houveram, o que nos deixa muito pensativos para os próximos anos, especialmente quando o assunto é a preservação, e o desenvolvimento sustentável. O que os Bakairi pensam sobre isso? É que todas as coisas sempre mudam, mas nunca imaginavam que seria tão rápido assim. Uma coisa que percebemos é que a escola é também o contato com a cidade. A saúde, os meios de transporte, tudo veio para mudar a vida dos kurâ Bakairi. A vida das crianças passam a ter uma outra dinâmica. Isso é um grande desafio para os pais, porque também não estão preparados para lidar com mudanças. Especialmente quando há novidade, isso gera muita curiosidade por parte dos jovens, tanto dos meninos quanto das meninas. E, neste momento, entra o choque cultural, e também o desafio de ensinar os valores culturais, porque entra a vaidade, que a tecnologia trás de fora, a televisão, etc... Com a internet, hoje, está muito fácil ter acesso ao mundo, tudo que se passa fora podemos ficar sabendo, especialmente os jovens.

Durante a conversa falamos muito de como gerar renda sem sair de casa, usando a tecnologia. Falamos muito na questão de união para decidir o futuro, usando tudo que existe sem deixar de ser Bakairi, não só preservando a cultura, a língua e os valores culturais mas também produzindo o que sabemos fazer, na melhoria de qualidade de vida, especialmente na produção de roças, seja ela de pequeno ou grande porte, ou seja, trabalhada, assim como a questão da preservação e o manejo agrícola, do que vamos tirar da terra.

### *Entrevista com a Sra. Lucia de Oliveira*

Na vida cotidiana da aldeia sempre haverá mudanças, conforme a Sra. Lucia de Oliveira, anciã da aldeia. Ela não mora mais na aldeia, devido a questões de saúde, mas sempre está ligada à terra, e nos momentos festivos sempre vem à aldeia.

Conforme seu depoimento, na época que morava na aldeia era muito difícil a vida, meios de transportes, escolas para as crianças. Era preciso estudar para lutar por dias melhores.

Os anos que se passaram nos ensinaram, serviram para abriremos os olhos. Conforme o depoimento dela, atualmente podemos lutar por dias melhores, juntos com a sociedade, sem deixar de ser o que sempre fomos. O tempo é a nossa base, se sobrevivermos aos tempos

difíceis, poderemos continuar melhorando a vida, assim como nossa realidade Bakairi, usando a capacidade e o trabalho, que nos tem sustentado até o presente momento.

O sistema do mundo tem nos forçado às mudanças de vida Bakairi. Tudo vem mudando desde o contato com os Karaiwa, não somente para os Bakairi, mas também para muitos indígenas. Especialmente da região Centro-Oeste, como por exemplo no Médio-Norte de Mato Grosso, temos uma vida muito diferente da Região Amazônica e da Região Sul. No Centro-Oeste, onde predomina a agricultura de grande escala, a convivência com as cidades, e também o aumento de consumismo, fez com que nós Bakairi nos integrássemos, como trabalhadores das grandes fazendas, como operadores de máquinas e serviços gerais. Com isso, chegaram nas aldeias coisas da cidade, como eletrodomésticos e meio de transporte, como carro e motos compradas com a própria renda. O grande impacto que isso trouxe e vem trazendo, as mudanças de hábito na alimentação, produção de alimentos dentro da vida do Bakairi. Um exemplo é na alimentação, somente os mais antigos comem a comida sem sal, peixe e carne assada, os jovens já têm estilo diferente.

Figura 12 – Mulheres transportando a produção



### 4.3 Vantagens e desvantagens da agricultura mecanizada

Adicionalmente, realizei uma análise das vantagens e desvantagens da adoção do modelo da agricultura mecanizada. A análise baseia-se nas conversas e entrevistas que tive com mulheres, homens e crianças da TI Bakairi, em revisão de bibliografia, e em minha própria experiência como liderança da aldeia, como presidente de associações (Associação Yemârire, localizada na Aldeia Santana, e da qual fui fundador; e Associação Akudo, a qual também fui o fundador, localizada na Aldeia Nova Canaã).

Entre as principais vantagens, destacam-se:

(1) Melhoria na segurança alimentar dos Bakairi – A produção de arroz e milho em lavouras mecanizadas tem sido, desde o início (anos 1990), toda voltada para o consumo das famílias Bakairi. Assim, nos tornamos autossuficientes na produção destes dois gêneros alimentícios (nunca mais precisamos que viessem de fora). O milho, em especial, é também utilizado para a alimentação animal. Metade das famílias residentes na TI Santana, aproximadamente, cria galinhas caipira, o que ajuda a aliviar a pressão sobre a caça de animais silvestres, assim como a dependência destes. Algumas espécies de caça, como o veado, a anta, e a paca, vêm diminuindo suas populações drasticamente, desde os anos 1980, em decorrência do desmatamento. A pesca também tem diminuído sensivelmente.

(2) Povo Bakairi já tem experiência no plantio de arroz e milho mecanizado – Atualmente, existem 10 trabalhadores indígenas já capacitados no plantio mecanizado de arroz e milho (6 tratoristas), a partir de treinamento com a EMPAER nos anos 1990. Estas pessoas se encontram motivadas a continuar com esta atividade, e podem facilmente ajudar a ensinar e treinar outros Bakairi neste sistema.

(3) Disponibilidade de mão-de-obra – Muitos Bakairi que se empregam nas fazendas já ajudam, ocasionalmente, na lavoura do arroz e do milho mecanizado dentro da TI Santana.

(4) Terras aptas ao cultivo de arroz (*em parte*) – Do total de 35.000 hectares da TI Santana, é estimado que haja por volta de 2000 hectares aptos ao plantio de lavoura mecanizada. Ainda assim, é provável que ocorram impactos ambientais significativos, decorrentes da conversão de novas áreas de cerrado ao plantio mecanizado; em especial, caso o sistema de plantio que prevaleça seja o do monocultivo.

(5) Clima apto ao cultivo de arroz e milho mecanizado – Assim como em boa parte do estado do MT, a distribuição de chuvas na TI Santana é adequada ao plantio destas lavouras, assim como as temperaturas médias anuais. Os altos índices de insolação também são favoráveis.

(6) Uma grande oportunidade que se abre, a partir do exercício de percepção, relatado mais abaixo, assim como pelo apoio técnico oferecido pela EMPAER, é a opção por combinar a mecanização agrícola com o policultivo de alimentos. Este modelo serviria para incorporar a agrobiodiversidade e conhecimentos agrícolas Bakairi ao plantio mecanizado realizado atualmente. Os policultivos mecanizados resultantes podem vir a se materializar através Sistemas Agroflorestais (SAFs), com o apoio oferecido pelos técnicos da EMPAER, e possível financiamento por entidades da sociedade civil (proposta em elaboração). Os SAFs têm se firmado como uma proposta sustentável viável para a melhoria da segurança alimentar (Pitombo e Ludewigs, 2019), geração de renda (Hoffmann, 2018) e restauração ecológica (Miccolis et al, 2016). Uma das idéias se baseia no consórcio dos plantios de arroz e milho mecanizados com faixas de SAFs, o que traz, em si, uma série de vantagens: a) diversificação das espécies cultivadas aumentam a resiliência do sistema de produção (Altieri, 2008); b) Aumento na segurança alimentar; c) Plantio de espécies arbóreas e melhor manejo da matéria orgânica protegem o solo da erosão e do ressecamento; d) Diminuição nos riscos de pragas e doenças; e) Árvores em faixas intercaladas ao plantio atuam como barreiras ao vento, protegendo outras culturas contra estresse hídrico; f) SAFs são mais amigáveis à fauna

(7) Possibilidade de nos tornarmos financeiramente autônomos – Aumentando a produção e a diversificação da produção, orientadas para o mercado, e gerando renda, contribuindo para a independência financeira dos Bakairi de Santana.

(8) Boas parcerias – Os Parecis, localizados a aproximadamente 300 km da TI Santana, tem se mostrado como excelentes parceiros. A oferta de assistência técnica, por parte da EMPAER, é atualmente muito boa.

(9) Facilidade de aluguel de maquinário (colheitadeira) – O aluguel da máquina colheitadeira de arroz, de um fazendeiro vizinho, tem sido realizado sem maiores problemas, e a um preço justo e viável.

(10) Especialização de 2 Bakairis da TI Santana – Um cursando graduação em Agronomia na UNEMAT/MT, e o outro já Agrônomo, e fazendo atualmente mestrado em Agroecologia no Rio de Janeiro. Podem vir a potencializar, em muito, o desenvolvimento de sistemas de produção sustentáveis na TI Santana.

Dentre as principais desvantagens, destacam-se:

- (1) Até aqui, os Bakairi tem conseguido conciliar bem os desafios de produzir alimentos suficientes. Entretanto, à medida que passa a vender a produção e a monetizá-la, se faz importante o cuidado com o risco de conflitos internos, relacionados à alocação das melhores áreas ao plantio, por exemplo, ou à partilha da produção.
- (2) Choque cultural e perda de conhecimentos - Ao se dedicarem ao plantio de arroz e milho em monocultivo, muitos conhecimentos tradicionais do povo Bakairi, relacionados à agricultura, estão sendo perdidos.
- (3) Perda da agrobiodiversidade – Grande parte das espécies e variedades de plantas, tradicionalmente utilizadas na agricultura Bakairi, corre o risco de serem perdidas.
- (4) Desmatamento – O aumento na demanda por terras para lavouras mecanizadas dentro da TI Santana leva inevitavelmente a um aumento no desmatamento do cerrado nativo, o que prejudica a biodiversidade e a oferta de uma série de serviços ambientais, como água, clima, caça, madeira, conservação do solo, entre outros.
- (5) Risco de contaminação por agrotóxicos – Sabemos que o monocultivo está fortemente associado ao uso de agrotóxicos, e a intoxicação de trabalhadores e famílias Bakairi devido ao uso destes produtos, pode acontecer a qualquer momento, caso a incidência de eventuais pragas e/ou doenças venha a demandar o uso destes produtos, seja através do manuseio/aplicação, ou pelo produto consumido (arroz, milho). O solo, a água, e a biodiversidade também correm o risco de serem contaminados.
- (6) Sedentarismo – ao não se dedicarem mais às lavouras tradicionais, boa parte da comunidade Bakairi está se tornando sedentária e obesa.
- (7) Disponibilidade de terras e mão-de-obra (*em parte*) – A maior parte do território da TI Bakairi Santana é caracterizada por terreno de relevo ondulado, cortado por muitos igarapés, o que dificulta a lavoura mecanizada. Ao contrário do povo Pareci, que dispõe de aproximadamente 1 milhão de hectares de terra plana, considerada por muitos apta ao plantio de lavoura mecanizada, os Bakairi tem apenas 2000 hectares, quando muito, o que pode limitar, eventualmente, a expansão dos plantios. Outro fator que pode limitar a expansão das lavouras mecanizadas, variando de acordo do modelo adotado, e do total de área a ser cultivada, é a disponibilidade de mão-de-obra.
- (8) Risco de ocorrência de pragas e queda na produção – Monocultivos estão inevitavelmente associados à ocorrência de pragas e doenças, que podem dizimar a produção e provocar riscos à segurança alimentar.

(9) Erosão/assoreamento de rios e igarapés – Não apenas em decorrência do desmatamento, mas também em função do manejo deficiente da matéria orgânica, próprio de sistemas de cultivo mecanizados, que deixam a superfície do solo exposta ao impacto das gotas de chuva, aumentando a erosão, assim como o assoreamento dos rios e igarapés.

(10) Aumento no risco de incêndios – Com o aumento da área cultivada, pode aumentar a oferta de palha na época seca, e pequenas queimas correm o risco de se tornarem incêndios.

(11) Canais de comunicação – Os Bakairi tem construído, ao longo dos anos, relações de parceria e amizade com muitas entidades, sendo que muitas delas veem hoje a expansão do agronegócio como o inimigo comum a ser combatido. Dependendo de como uma eventual expansão na área cultivada se der, a comunicação com uma parte destes parceiros corre o risco de ficar turbulenta. Caso a área dedicada ao plantio de lavouras mecanizadas venha de fato a aumentar (seguindo tendência atual), os Bakairi de Santana podem vir a ter dificuldades de comunicação com entidades socioambientalistas. Segundo minha vivência de campo, e conversas com os parentes, a própria FUNAI, que inicialmente apoiou os plantios com a doação de 2 tratores, já manifestou discordância à proposta de aumentar a área cultivada. O risco de conflitos com agentes externos, inclusive com a Lei (Lei nº 6001 de 19/12/1973)<sup>2</sup> pode ser maior caso haja arrendamento de terras Bakairi a fazendeiros vizinhos, que hoje não existe. Entretanto, custos de produção mais baixos, associados a uma limitação na oferta de mão-de-obra disponível na TI Santana, podem vir a se transformar em incentivos ao arrendamento.

(12) Risco de conflitos com vizinhos – O aumento na dependência de maquinário externo pode vir a gerar conflitos com vizinhos, que podem acontecer também devido ao aumento no risco de incêndios.

#### **4.4 O passado e o futuro**

Sinto que a maior parte das pessoas estão vivendo dentro da nova realidade, de inserção da economia de consumo. Não porque eles buscaram esta realidade, mas porque esta chegou até eles. Com quase 300 anos após o contato com a civilização ocidental, vejo que muita coisa se perdeu durante essa caminhada, e outras coisas continuam a ser preservadas, como as danças e a língua, boa parte dos conhecimentos tradicionais. A modernidade chegou, e com ela a energia

<sup>2</sup> Lei nº 6.001 de 19 de Dezembro de 1973 - Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Art. 18 - As terras indígenas não poderão ser objeto de arrendamento ou de qualquer ato ou negócio jurídico que restrinja o pleno exercício da posse direta pela comunidade indígena ou pelos silvícolas. 19 de dez. de 1973

elétrica, a TV a cabo, e mais recentemente a internet via satélite. Esta modernidade transformou o di-a-dia da nova geração, que hoje deixa as roças tradicionais, antes cultivadas pelos velhos, para atualmente sonharem com motos, carros, e melhorias materiais, que a geração de meus pais nem imaginava. A transmissão dos valores e da cultura de pai para filho não aconteceu como acontecia no passado. Acredito que em algum momento, a história ficou meio confusa; a própria comunidade deixou de incentivar a relação com a terra. Conversas informais com meus primos revelaram que gostariam que seus filhos estudassem, para não ser iguais a eles. Isso me fez refletir muito, e descobri que muitos pais sofreram porque não sabiam ler e escrever. Tiveram muita dificuldade em lidar com coisas básicas da cidade, até mesmo o valor do dinheiro desconheciam. Então, incentivaram os filhos a irem à escola. Hoje, ambas as aldeias encontram-se 95% alfabetizadas. Mas, por outro lado, a juventude quer trabalhar e ganhar seu salário. Não querem deixar a aldeia, então a única alternativa que acharam foi de procurar emprego nas fazendas vizinhas.

Apesar de os jovens se encontrarem em outro momento, a escola vem trazendo outros desafios, como se preparar para o dia de amanhã. Mas vejo também que os professores não estão conseguindo estimular os alunos a valorizarem a cultura e a língua Bakairi .

Nos depoimentos das três gerações, chamo a atenção para uma tendência: a fala e os pensamentos estão meio confusos quando assunto é o futuro. Acredito que a comunidade teve dificuldade, durante o exercício, em externar suas percepções sobre nosso futuro na Aldeia. Mas percebo, paralelamente, que ainda existem muitas incertezas com relação ao futuro, que dificultam a discussão de um projeto coletivo, para todos os moradores da TI Santana.

Então, me vem aquele pensamento que me fez lembrar quando eu era menino. Não nos preocupávamos com o dia de amanhã, porque tudo que precisávamos tinha. Por exemplo, quando pescávamos peixe no rio, aquele pescado era consumido no mesmo dia, porque outro dia era outro dia, não sabíamos o que seria, mas sabíamos que a natureza estava guardando para outro dia.

Hoje, isso é impossível, devido ao desmatamento em torno da terra e ao povoamento da região. Muitos jovens estão trabalhando nas fazendas, voltando para casa somente aos finais de semana, ou somente durante a noite. Isso tem sido o grande desafio nosso: como reverter esta tendência, sem prejudicar a terra, o meio ambiente e a comunidade? Sabemos que não é fácil! Sentimos isso, mas trabalhamos para continuarmos fortes porque trabalho não é problema, o ruim é ficar



sem fazer nada e afundar no alcoolismo! Não há falta de alimentos na aldeia, o povo Bakairi é um povo trabalhador, que sustenta sua família com trabalho, ninguém passa fome.

Um grande desafio pela frente hoje em dia é construir algo que se perdeu no tempo, devido às circunstâncias da vida. Muitos estavam perdendo a perspectivas de futuro, o sonho de se tornar um povo forte culturalmente estava se perdendo, muitos estavam com a autoestima baixa. Mas agora, nossa responsabilidade como líderes é de fortalecer a consciência de que temos que preservar a terra, os rios e o cerrado. Esta é a nossa grande riqueza, que precisa ser preservada para as futuras gerações. Estamos encurralados pelas grandes plantações de soja e de milho, o agronegócio e as grandes empresas de grão estão na nossa região. Isso faz com que sejamos assediados pelos fazendeiros em fazer grandes plantações na terra indígena.

Até o ano 2000, conseguíamos ficar na aldeia sem muito contato com as fazendas, mas a chegada da energia em 2006 literalmente forçou os indígenas que não tinham renda a saírem para as fazendas a procura de serviços, como diarista, para poder ter dinheiro para pagar a energia, assim como produtos de primeira necessidade. Com isso, muitos deixaram de fazer as roças tradicionais e passaram a comprar somente nos mercados da cidade de Nobres, tudo foi mudando, e as pessoas que tinham muita ligação com as roças foram ficando velhos, e os filhos foram gostando de trabalhar com máquinas, e assim a comunidade foi sendo transformada, aos poucos. Mas nós, como líderes, sempre olhamos para frente, e também temos essa obrigação de poder mostrar e conscientizar, e que nem tudo que fazemos é bom para a comunidade. Podemos melhorar muito, mas precisamos também cuidar do que temos, a sabedoria.

O Polonoroeste deixou algumas coisas que serviram para que a comunidade continuasse pensando, uma delas foi trabalhar com trator. Durante este tempo, aprenderam a dar manutenção aos tratores e aprenderam a dirigir trator e carro. Alguns anos depois, veio o Programa PRODEAGRO.

Nos meados dos anos 90 veio este programa do governo que no Mato Grosso, o nome era PADIC. Para poder acessar este programa, a FUNAI incentivou as comunidades indígenas a formarem associações. Foi nessa época que foi criada, na TI Santana, a associação Yemârire, da comunidade Bakairi de Santana. O objetivo era trabalhar em comunidade, mas isso novamente trouxe mais confusão, devido a falta de clareza e também objetividade no trabalho da execução do mesmo. Foram comprados, nessa época, equipamentos para fazer piscicultura, máquinas como trator, triturador de ração e alevinos, mas nada funcionou, virou um elefante branco, restando apenas um trator (da marca Valtra com marretinha). Isso, de certa forma, foi

frustrando a comunidade, porque o produto falado não saiu do papel. Ficou apenas nas promessas.

De certa forma, os cursos de formação serviram para mostrar ao governo que tudo que se fazia nunca dava certo, porque não era o que nós indígenas queríamos, e muitas vezes não tínhamos conhecimento de como isso funcionava. Partindo deste princípio, começou a se falar de capacitação, em especial na questão de saúde, trabalho na aldeia, os valores culturais, espirituais, sociais, econômicos, tudo que envolve os nativos. Nós do cerrado sofremos porque não temos recursos, como outros povos da floresta têm. O Cerrado é uma savana da região Centro-Oeste, onde muitos povos moram, e nos Bakairi vivemos neste lugar.

Quando o programa acabou, porque tudo que é projeto tem começo e fim, não tivemos acompanhamento do que estava se fazendo, o que atualmente chamamos de assistência técnica. Isso tem sido até os dias atuais. A dificuldade que os Bakairi tem em desenvolver atividades de agricultura tecnificada, e até mesmo tradicional, veio um período de dificuldade. A FUNAI secou, e as coisas foram ficando difíceis. Assim, os jovens e homens partem para trabalhar nas fazendas, começando como diaristas, e aos poucos foram aprendendo a lidar com máquinas, como colhedoiras, e a lidar com secador de grãos, e com tudo que se faz nas fazendas.

A falta de roça nos forçou a buscar alternativas. Começamos a trabalhar com o que chamamos de vaquinha, juntando dinheiro para comprar sementes e adubo. Assim nos juntamos, aproximadamente 40 famílias da comunidade indígena, das Aldeias Santana e Nova Canaã, e começamos a plantar e a colher arroz, milho, batata e mandioca, cultivando no campo, e quase todas as famílias ao redor da casa, para que os bichos não viessem atacar. Desde então vem sendo feito assim, todos trabalhando para alimentação da comunidade.

Teve um ano que fizemos a colheita de 42,5 mil quilos de arroz de terras altas, numa área de 20 hectares. O projeto pioneiro é executado com a ajuda da Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) que disponibilizaram uma tonelada de sementes de arroz para o cultivo da variedade BRS Sertaneja. Para garantir o plantio da próxima safra, a comunidade reservou 3.400 quilos de sementes de arroz, que foi plantada no ano seguinte.

O supervisor da Empaer, Amarildo Sampaio Anchieta, comenta que a maior parte da produção foi dividida para o consumo das famílias, e o excedente foi comercializado na cidade. Ele destacou que a produtividade foi de 1.934 quilos de arroz por hectare e a colheita foi realizada com a ajuda dos produtores rurais que cederam os implementos agrícolas. O trabalho de

assistência técnica e extensão rural diferenciado conta com a parceria do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Para o plantio foi realizado a análise do solo nas aldeias e aplicação de 60 toneladas de calcário, doados pela Secretaria de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar (SEDRAF). O cacique, Arnaldo da Silva, ficou satisfeito com o plantio e pretende continuar, a safra e o cultivo. O pesquisador da Empaer, Valter Martins de Almeida, fala que a comunidade recebeu semente, acompanhamento técnico e orientações sobre época de semeadura, espaçamento, controle de plantas daninhas, manejo cultural e outros. Amarildo ressalta que, além do cultivo do arroz, foi plantado na comunidade, banana da terra, mandioca, laranja e limão. “Trabalhar com índio foi um desafio e posso dizer, que conseguimos”, conclui, Anchieta.

## CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES

Este trabalho foi realizado através de reuniões, conversas com mais velhos, durante viagens, e trabalhando com a comunidade. Minha vivência com a minha comunidade fez com que eu aprendesse deles algo sobre as grandes mudanças que aconteceram, e vem acontecendo dentro da TI Bakairi Santana, do município de Nobres. Reflito muito sobre minha vida como criança e adolescente, como jovem vivendo o dia a dia na aldeia, muitas vezes sentado a beira do fogo comendo batata-doce assada, nas manhãs de junho e julho, nos momentos frios da aldeia. Qual o caminho a ser trilhado? Nas pescarias com os velhos, e também no trabalho na roça, tentei fazer minha pesquisa de forma participativa. Os Bakairi sempre trabalham unidos, estes momentos de estar juntos são momentos que a gente conversa, e as histórias do povo são contadas, as mitologias são as histórias do povo; as caçadas, e tudo que envolve a comunidade, são contadas durante estes encontros.

Entre o povo Bakairi, sempre se aprende olhando o que outro faz. Os velhos sempre nos ensinaram quando estávamos juntos, nas horas de descanso, e durante as horas de intervalos de algum trabalho comunitário nos mutirões das roças tradicionais.

O povo Bakairi é um povo pacífico. Por isso, foi fácil para os colonizadores conquistarem a amizade deles. Devido a isso eles foram usados como mão-de-obra. Usando desta fragilidade, os colonizadores tiveram seu êxito, conforme os relatos dos velhos. Eram usados para mostrar os caminhos e lugares, por volta do século XIX e metade do século XX. Naquele tempo os nossos antepassados foram induzidos a trabalhar como peões em fazendas, na extração do látex, e também abrindo estrada com machado e foice.

Desta forma, foram se espalhando às margens dos rios Paranatinga, rio Verde e Arinos, que mais tarde chamaram de rio Novo. E, também, algumas famílias passaram a viver nas fazendas servindo como mão de obra escrava do fazendeiro.

O objetivo desta dissertação foi resgatar parte dos conhecimentos locais relacionados a agricultura Bakairi. Acredito que eu tenha conseguido alcançar, ao menos em parte, este objetivo. A vivência intensiva com minha comunidade foi, durante o trabalho de campo, além de frutífera, muito prazerosa. Busquei descrever nossas práticas tradicionais de fazer agricultura, resgatando assim parte das memórias da trajetória dos Bakairi Santana, através de muitas conversas, especialmente com os anciões. Quanto à discussão sobre os possíveis cenários futuros, o exercício de visualização lúdica foi mais um aprendizado, penso eu, mas ainda assim mostrou uma grande diversidade em quanto aos caminhos possíveis, para se

alcançar mais segurança e bem-estar material. Minha leitura é de que a comunidade teve dificuldade em externar suas percepções sobre nosso futuro na Aldeia.

Ainda estamos nos ajustando, frente as transformações que vivemos. Muitos estímulos, mas muitas incertezas também. A sociedade karaiwa que nos envolve, e da qual já fazemos parte, também está passando por transformações, polarizações, e incertezas quanto ao futuro. Mas o mais importante, penso eu, que absorvi durante esta pesquisa, junto à minha comunidade, conversando sobre o presente, o passado e o futuro, foi que nossa juventude dá sim valor ao que temos, sonha alto, e acredita em dias melhores.

Concluo deste estudo, que a trajetória que os Bakairi estão trilhando, aponta para a adoção de um sistema de produção referenciado como “agricultura moderna”, ou seja, o modelo convencional que prevalece na região, com o uso de lavoura mecanizada, *input* de insumos, etc... Como discutido no texto, os Bakairi vem se empregando nas fazendas vizinhas, nos últimos 30 anos, e recebendo salários, de forma que já se encontram familiarizados às práticas agrícolas próprias de tal modelo. Dadas as facilidades inerentes a este modelo, dificilmente os Bakairi voltariam a praticar o modelo tradicional, em especial voltar ao uso “da foice e do machado”, conforme relata um irmão da aldeia.

Entretanto, este modelo se encontra associado a uma série de riscos ambientais e incertezas quanto à segurança alimentar e rendas futuras, e não guarda mais relação com o modelo tradicional. Corremos o risco de perder todo o conhecimento tradicional, e a agrobiodiversidade associados.

A análise de vantagens e desvantagens associados ao atual modelo de lavoura mecanizada, convencional, pode sim contribuir para o bem-estar material e melhoria da segurança alimentar. Entretanto, o preço a pagar pelos riscos mencionados acima, indicam que é importante considerar ajustes a este modelo, que podem inclusive melhorar a segurança alimentar ainda mais.

Uma alternativa que pode ser viável, sob todos os ângulos da sustentabilidade (ambiental, social, econômico e especialmente cultural) a que tudo indica, é a combinação da maior praticidade e produtividade, proporcionadas pela mecanização agrícola, com as vantagens inquestionáveis dos sistemas agrobiodiversos, inteligentes, adaptados e dinâmicos, que estão no cerne do saber-fazer das roças Bakairi tradicionais.

Minha pesquisa mostrou também que existem diferentes opções de cultivo do solo e de uso do território, manifestadas através do exercício de percepção realizado. Olhando para as

experiências de outros povos indígenas no Brasil, como discutido no texto, chega-se à conclusão que existem diversas alternativas, diversas formas de empreender com vistas à geração de renda.

Apesar de todas as provas pelas quais passamos, hoje na aldeia não tem alcoolismo, nem drogas, nem pessoas necessitadas. Aprendemos a valorizar o trabalho e a dignidade, e a ter respeito com o próximo. Trabalhamos para que isso continue. Falamos sempre nos seminários e encontros, que precisamos ter cuidados com o que o mundo nos oferece, e precisamos estar atentos com os nossos filhos e as gerações que virão. Este trabalho tem que ser constante, porque existem riscos, a partir do momento em que se tem contato com o mundo fora da aldeia, o indígena é muito vulnerável a certos tipos de comportamentos fora de seu contexto, e isso gera preocupação.

O desequilíbrio da Natureza preocupa todos seres humanos. Muitos de nós estamos mudando a Natureza, muitas vezes de forma inconscientes. A destruição das matas vem causando problemas a todos nós. Pensamos em produzir, mas também pensamos em preservar aquilo que é nosso: a nossa terra, a nossa mata, tudo é importante para nos mantermos vivos. Queremos manter vivas as nossas danças, a espiritualidade, a língua, os espíritos de nossos antepassados, e acima de tudo aquilo que Deus, o nosso grande criador, nos deu. Assim vivemos cada dia das nossas vidas, durante toda existência na Terra.



## BIBLIOGRAFIA

- ALTIERI, MIGUEL. Agroecologia: a Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável, 5ª edição, UFRGS Editora, 2008.
- BARROS, EDIR PINA DE. Filhos do Sol: História e Cosmologia na Organização Social de um povo Karib. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003 (385 pgs).
- BARROS, EDIR PINA DE. Dois Mundos em Confronto: Kurâ-Bakairi / Kurâ-Karaiwa. Clude de Autores, 2012 (204 pgs).
- BORGES, L. Como desenvolver uma matriz ou análise SWOT (FOFA). Disponível em: <https://blog.luz.vc/o-que-e/como-desenvolver-uma-matriz-ou-analise-swot-fofa/>. Acesso em 22/1/2020
- FERREIRA, JOÃO CARLOS VICENTE. Mato Grosso e seus Municípios. Editora Buriti. Secretaria de Estado de Educação, Cuiabá, MT, 2001.
- ISA. Terras indígenas - Base de dados geográficos - <https://terrasindigenas.org.br/> . Acessado em 21/1/2020
- KURÂ-BAKAIRI, POVO. Etnomapeamento do Povo Kurâ-Bakairi de Paranatinga. Instituto Yukamaniru de Apoio às Mulheres Indígenas Bakairi, 2016.
- LEME, LUIZ GONZAGA DA SILVA, Genealogia Paulistana, Vol. IV, Pp. 152-222, <http://buratto.org/paulistana/Campos.htm>, visitado em 28 de agosto de 2013.
- MICCOLIS, A., PENEIREIRO, F.M., et al. Guia Técnico - Restauração ecológica com sistemas agroflorestais: como conciliar conservação com produção, opções para o Cerrado e Caatinga. ICRAF, Brasília, 2016.
- PERUARE, V.A. Cultura e Sustentabilidade nas Máscaras Rituais Kurâ-Bakairi. Dissertação de Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2013.
- SABOURIN, E., Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. Sociologias (UFRGS, impresso), v.27, p. 24 – 51, 2011.
- SABOURIN, E., Teoria da reciprocidade e análise de políticas públicas rurais. Ruris (Campinas), v. 6, p. 53 – 90, 2013a
- Sabourin, E., Education, gift and reciprocity: a preliminary discussion. International Journal of Lifelong Education, v. 32, p. 301 – 317, 2013b
- TAUKANE, IZABEL. Na Trilha das Pekobaym Guerreias Kura-Bakairi: de mulheres-árvores ao associativismo do Instituto Yukamaniru. Dissertação de Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2014.